



NOS 100 QUILÓMETROS

TÚLIO PEREIRA, o vencedor da prova de domingo, comanda nesta altura o segundo pelotão na Granja do Marquês

(Foto Nunes de Almeida)

Stadium

N.º 71 ★ 12 DE ABRIL DE 1944

As duas selecções de Lisboa

mantêm o primado do futebol da capital

Tanto o Pôrto como Viseu não conseguiram resistir ...

por TAVARES DA SILVA

TIVEMOS, neste interregno das competições oficiais do futebol, mais uma *inter-cidades* em que, Lisboa, particular e notavelmente se distinguiu, conseguindo dois triunfos claros e expressivos, um deles de relêvo.

Em team, que ganha ou se porta bem, não se deve tocar, (máxima inglesa), e assim procedeu Salvador do Carmo, apresentando na relva do Lima, mais ou menos, o mesmo quadro das Salésias: apenas Barroso em substituição de Cardoso. Já Alfredo de Figueiredo não procedeu da mesma forma, na ância, aliás compreensível, de fazer mais e melhor, e no legítimo desejo de vingar a derrota das Salésias. Uma derrota deixa sempre travo amargo.

Já dissemos outro dia. Não temos elementos suficientes para julgar o grupo do Norte. Não há dúvida, porém, vistas as coisas no seu conjunto, que o grupo do passado domingo era, pelo menos, no papel, melhor selecção do que a primeira. Isto é, um conjunto de mais aptos valores individuais e bem distribuídos.

Simplemente, o grupo de Lisboa, suficientemente forte e homogêneo, tinha já uma bela experiência, a das Salésias, qualquer coisa como que a indicar-lhe o caminho a seguir. Orientação traçada com firmeza.

A selecção do Pôrto apresentou os seguintes jogadores: Barragana; Nelito e Guilhas; Anjos, Pacheco e Sarrea; Castro (depois Caiado), Araujo, Armando, Sousa Pinga e Delfim.

Contra a seguinte selecção de Lisboa: Azevedo (depois Martins); Barrosa e Marques (depois Varela Marques); Amaro, Albino (depois Gregorio), Francisco Ferreira; Manuel da Costa, Eloy, Peyroteo, José Pedro e Rafael.

O encontro foi dirigido pelo árbitro português Vieira da Costa.

O desafio não ofereceu grande interesse técnico — eis a primeira afirmação a fazer. Nem interesse de competição. E, insistindo neste ponto deve afirmar-se que o primeiro tempo foi melhor do que o segundo, em todos os capítulos do jogo. É certo, que estes desafios não têm a aguçação do *despique pelos pontos da classificação*, mas não há dúvida que eles deram, outrora, as mais rigorosas lutas do futebol português. Porquê este declinar? Certo, parece-nos, porque entre o actual futebol de Lisboa e o do Pôrto medeia um grande espaço, uma diferença que permite vitórias tão nítidas e repousadas como a do Lima, ante as vistas da gente portuense. certamente salda das aquelas selecções que, integradas por homens da fibra e da talha de Waldemar Mota, se distinguem especialmente pela base da sua combinação.

O resultado de 1-0 da primeira parte, reflecte com equidade o desenvolvimento da partida, fixando o mais perfeito remate de Lisboa, pois, não fora esse pormenor, e os números poderiam ser outros. Nesta parte, no primeiro minuto, esse portentoso rematador que se chama Araujo conseguiu o empate, à boca das rédeas, e tanto bastou para Lisboa compreender que se tinha de dar à luta em toda a linha, para Lisboa se recordar das Salésias. O empate foi um autêntico toque de clarim. Assim o diz a circunstância dos lisboetas ganharem, praticamente, no quarto de hora, por uma diferença de duas bolas. Quando chegou o quarto goal, mais produto da infelicidade do que rematante da jogada — aconteceu, verdadeiramente, o pôde chamar-se o desabar da feira. O Pôrto estava batido, e vencido. Sem forças para prolongar a luta — quanto mais a reacção. Os dois últimos goals da partida aparecem já como incidentes, não tendo o valor da conquista dura, isto é, mais consentidos pelo adversário.

Collectivamente — a selecção do Pôrto faliu, fazendo uma exibição peor do que há oito

dias. As boas intenções de Alfredo Figueiredo caíram por terra. O grupo viveu, dum modo geral, da energia e do calor que lhe emprestaram Sousa Pinga e Araujo. Quando estes deram um pouco, todo o corpo estremeceu, ressentindo-se do facto. Na defesa, sobressaiu Guilhar, mas ele, sózinho, nunca poderia chegar para a forte pressão adversária, compreendendo-se, portanto, de certa altura em diante, a sua entrega. O team como que viveu sempre dividido em duas partes, e esta falta de harmonia, tão sensível, ditou a sua derrota, permitindo as exhibições vitoriosas do antagonista. Pacheco, inferior, e Sarrea, uma sombra daquilo que normalmente costuma ser, justificam o pormenor já apontado da desarmonia. A substituição de Castro (do Académico) por Caiado (do Boavista) não teve quaisquer efeitos. Como balanço geral, pôde dizer-se, e insistir para honra de alguém, que se a característica do encontro do Lima não foi de completo domínio dos lisboetas, isso se deve à actividade dos interiores portugueses que deram ao seu grupo, sempre que possível, acentuada feição de ataque e perigo.

O team de Lisboa, numa exibição sem grandes riscos, afirmou claramente a sua superioridade, vencendo com talento. A linha avançada produziu valioso trabalho, excelentemente combinado e urdido, não esquecendo o sentido prático da questão. Mas uma vez, se provou que a eficiência não tem necessariamente que viver desligada daquilo que se poderá designar por *jogo artístico*. Em globo e como organização, o vencedor denotou mais méritos que o vencido. Quando a linha de ataque lisboeta actuou pelo meio do terreno — as dificuldades de marcar bolas foram visíveis. Porque, o avançado centro, cujos movimentos eram seguidos atentamente por Guilhar, não tinha oportunidade de aplicar o seu forte remate. Nesta emergência, Peyroteo deu-se à subtilidade da distribuição do jogo, servindo, por vezes, mo-

delarmente, tanto os interiores como os extremos. Mas a selecção de Lisboa não se ficou por aqui. Sentindo, talvez invencivelmente, a dificuldade prática da orientação pelo centro do terreno, mudou de tática, em toda de acomodamento às condições e circunstâncias, começando a pôr em jogo, lance a lance, os seus extremos, e a mudança não podia ter dado melhores frutos, porque, então, os portuenses cederam. Na última metade do segundo tempo, o bloco do Pôrto mirrou e retraiu-se, consentindo avanços sobre avanços e a permanência das forças lisboetas na sua zona perigosa.

Ao perfeito entendimento da linha atacante lisboeta correspondem, a necessária solidão e ligação na defesa, considerada em conjunto, sensivelmente do mesmo valor, com Azevedo, Albino e Marques, ou com Martins, Gregório e Varela Marques. E o resultado de 6-1 do 44.º Pôrto-Lisboa, a 35.ª vitória lisboeta, ficou inscrito no futebol português.

*

A selecção B de Lisboa foi deabalada a Viseu, com a seguinte formação: Salvador; Baptista e Eliseu; Lopes, Gomes e Francisco Lopes; Espírito Santo, Pires, Julinho, Quaresma e Albano.

Selecção de Viseu: Prazeres Gomes; Pauliteiro e Pacheco; Mário, Pimenta e Marques; Pilão, Torcato, Coelho, Braz e Felisberto. Árbitro: Manuel Serrano, de Coimbra.

A utilidade destes jogos está por demais demonstrada. Os bons teams da capital, e esta selecção B presta-se maravilhosamente ao papel de propaganda, deviam deslocar-se com mais frequência à província, contribuindo para a expansão e aperfeiçoamento do jogo. Dir-se-á que os torneios não deixam datas livres. Mas não é assim. A prova está no facto da Federação Portuguesa de Futebol voltar às eliminatórias a duas mãos na «Taça de Portugal» com o argumento de ter domingos livres. Não fundo, razão que assenta sobre razões de ordem financeira. Porque, a verdade é que essas datas poderiam ser aproveitadas para grandes e belas jornadas do futebol português, levando o futebol de Lisboa a várias terras e regiões. E não ficava mal à Federação, tentativas destas, como de um género mais largo — porque não, um Norte-Sul?; porque não, a apresentação da selecção portuguesa em várias cidades? — mesmo para aquele organismo se dar à tarefa constructiva (não esquecermos alguma coisa do que se tem feito), não se remetendo a uma feição quasi que exclusiva de elaboração de campeonatos. Função material.

Voltando, porém, ao Lisboa Viseu, afirmaremos que o grupo da capital venceu sem grandes esforços, como claramente o indica o resultado. Os 5-0 ao fim da primeira parte dão margem de socêgo suficiente para se passar o tempo, na segunda. De resto, neste período, os lisboetas, devem ter abrandado um pouco, recreando-se nas jogadas e nos variados golpes.

Embora se tratasse de um team incarácterístico e sem orientação definida, por assim dizer, torto ou mal nascido nos seus fundamentos, não há dúvida que o grupo continha em si o potencial suficiente para dominar quasi que por completo as forças de Viseu. Assim, o desafio teve as perspectivas de exibição, apesar dos vencidos lutarem com brio e ardor. Mas uma coisa é vontade e outra é classe.

Como sempre acontece em desafios com estas cores, isto é, frente a frente, um grupo que domina e outro que é dominado, distinguuiu-se o bloco defensivo de Viseu, aquêle, pelo menos, a cargo de quem esteve trabalho exaustivo. Ainda merece uma referência o interior-esquerdo Braz, pelo jeito e pela boa concepção de vários lances.

Como geralmente também acontece, em semelhantes emergências, todos os lisboetas cumpriram, ainda que a linha de ataque, pelo brilhantismo e vistoso jogo de Espírito Santo e Albano, fôsse o comportamento mais a dar nas vistas.

Nota final. Quando a nossa Revista entrar na máquina deve estar a disputar-se o Lisboa-Aveiro nesta última cidade, com os lisboetas vindos do Estádio do Lima. Bem merece a Associação de Aveiro, tão povoada de clubes e alguns de certa importância, a realização deste encontro que, sob todos os aspectos, serve o futebol nacional.



ANTES de fazer uso das pranchas esguias, dêse veloz e mágico aparelho de locomoção, deve o futuro esquiador conhecer o terreno onde vai começar a aprendizagem do desporto.

A primeira impressão do cidadão que, na época dos frios, abala para a montanha, é o deslumbramento ascético da paisagem invernal. A neve, na sua graça decorativa, alveja por toda a parte. Pincaros, penedias, vertentes, arbustos, os mil acidentes do terreno, são fundos encantadores, brancos e resplandecentes, de panoramas sempre renovados.

Os olhos curiosos do cidadão quem se atônitos perante os caprichos da altitude. O ondulado montanhoso, ora crescendo para os cumes altaneiros, ora baixando até aos vales ridentes, revela a superfície lisa, compacta, de um branco igual, certo e prolongado, em que se desenrolam as pistas do esqui.

A neve!

Como compreendê-la e descobrir-lhe os seus segredos?

Não basta admirá-la, de longe, na sua beleza paisagística; importa, também, conhecê-la, de perto, no íntimo contacto da actividade desportiva.

A neve modifica-se, notavelmente, conforme forem as condições atmosféricas nos dias que se seguem à sua queda. A consistência, dureza, densidade e natureza de constituição, variam consoante as alterações da temperatura, a intensidade e direcção dos ventos, a incidência do sol e a orientação do terreno.

A neve que cai, em flocos brancos e delicados, será o primeiro elemento de observação. É formada de cristais e recobre o solo com uma camada pouco espessa, devido a conter certa quantidade de ar. Constitue a neve recente, pouco escorregadia, prestando-se mal às evoluções do esqui.

Durante os três dias que se seguem à queda, esta camada de neve irá expandindo o ar que contém, diminuindo, assim, de espessura. Se a

Em prol da educação física

Desportos de Inverno

IV

A neve, grande atractivo do esqui

temperatura permanece abaixo de 0°, forma-se a neve arenosa, composta de cristais duros e bem desligados, já favorável à prática do esqui.

Quando, porém, o vento da montanha sustenta a planura nevada, dá-se certo endurecimento das camadas superficiais. — A neve estratificada, ainda propicia ao esquiador.

Pouco a pouco, este endurecimento superficial irá alcançando as camadas mais profundas. A neve aumentará de consistência, sendo, então, conhecida pelos desportistas por neve cartonada, e, também, encrostada, quando o endurecimento atinge a fase final. Estas qualidades de neve exigem o domínio perfeito da técnica do esqui, visto exporem os menos experientes a inúmeras quedas.

O calor, por seu lado, opera igualmente modificações importantes na constituição da neve. Desde que a temperatura suba acima de 0°, a neve enra e derrete à superfície. Forma-se a neve pegajosa que, com a continuação do degelo, adquire aspecto lamacento (mistura de cristais com a água da neve derretida). Tanto a primeira como a segunda destas qualidades de neve — a última muito especialmente — são pouco favoráveis à prática do desporto, visto dificultarem, em extremo, o deslizamento das pranchas.

A acção directa do sol nas superfícies nevadas, produz, também, efeitos notáveis, sobretudo quando o ar está seco e a temperatura permanece abaixo de 0°. Obtém-se a neve granulosa que abunda, na primavera, nas grandes altitudes. É a neve ideal para a prá-

tica do esqui, a que melhor se presta às lutas emocionantes dos campeonatos.

As mudanças bruscas de temperatura originam frequentes modificações na constituição da neve. Na montanha, às noites polares sucedem-se os dias soalheiros; assim, a poucas horas de intervalo, diferenças consideráveis de temperatura. A neve derrete-se, torna a gelar, em alternativa constante. Formam-se camadas que, com frequência, acabam por ser recolhidas pelos flocos brancos de recentes nevadas. Com todos estes factores deve contar o desportista que deseja conhecer bem o terreno onde vai evolucionar.

Temos, ainda, a notar a forma como está orientado o terreno, relativamente à direcção dos ventos e à incidência do sol. Se, aqui, uma vertente expõe a sua superfície branca à aragem aguda e fugitante da montanha, além, os recônditos de um barranco são zonas privilegiadas, de serena tranquilidade atmosférica. Do mesmo modo, o sol não banha, por igual, todo o ondulado montanhoso. Espaços expostos às fortes radiações solares contrastam singularmente com os vales e encostas ensombradas, mal tocadas pelos raios caloríferos e acolhedores. Resulta, assim, que o terreno se tornará irregular, flutuante, e, sobretudo, a consistência da neve variará. Compreende-se facilmente que esta irregularidade do terreno torna, por vezes, perigosa a prática do esqui; só a experiência e o domínio técnico do desporto permitirão triunfar, com êxito, destas traçoceiras armadilhas.

Nas regiões montanhosas, de grande altitude, outros problemas surgem para o desportista. São as geleiras, massas compactas de gelo que o sol amolece ligeiramente à superfície. A neve toma um aspecto vítreo, sendo, então, muito perigosa para os principiantes. Na previsão desta qualidade de neve, é aconselhável guarnecer os esquis com protectores metálicos.

O esquiador terá, também, de contar, no domínio da alta montanha, com o grave problema das avalanches. A segurança pessoal impõe uma série de precauções para fazer face aos perigos dos desprendimentos das grandes massas de gelo. Os esquiadores apenas devem aventurar-se nestas paragens, em grupo, e sob a orientação de hábeis e experimentados exploradores alpinistas. Há um conjunto de regras e ensinamentos indispensáveis aos esquiadores das grandes altitudes. Mas a nossa Serra da Estrela, com os seus escassos 1.800 metros, dispensa-nos de mais amplas considerações sobre o assunto.

A neve, fonte de vigor e de alegria, é, assim, factor importante a considerar na prática do esqui. Altera a constituição do terreno, influencia em alto grau o deslizamento das pranchas e impõe uma actuação técnica bastante diferenciada.

Tais as razões que aconselham o seu estudo prévio!

ALBERTO DA SILVA VIANA

Daniel Teixeira

Oficina de calçado desportivo do Beato Especializada em todos os artigos para desportos — Calçado e botins tipo alentejano e « Mocidade Portuguesa »

Telefone 3 8298

CALÇADA DUQUE DE LAFÕES, 5
L I S B O A

GLICOL

O IDEAL DA PELE

Produtos V. A. P. PORTUGAL

O único preparado que realisa a máxima beleza, dando à pele o raro encanto da mocidade. À venda nas boas Casas da Especialidade e principais farmácias — Depósitos gerais: Ventura d'Almeida & Pena

R. do Guarda-Mór, 20, 3.º Eq. LISBOA
Enviamos amostras contra 385 em selos do C.

A PREPARAÇÃO DOS PUGILISTAS

Crónica de RAFAEL BARRADAS

O tempo necessário para preparar qualquer amador, isto é, robustecê-lo, instruí-lo e incutir-lhe o sangue-frio indispensável para subir ao quadrângulo sem excitação, varia consoante as aptidões do aluno.

Desde a vontade de aprender até à capacidade de absorver, são muitos os factores que influem decisivamente no resultado.

Supondo uma qualidade de matéria prima excelente, bastam três anos para trazer a lume um pugilista de sólido mérito. Mas, se houver a pretensão de instruir um principiante, e desvendá-lhe os segredos do «boxe» numa apreciável extensão, não se torna necessário tanto tempo: dois anos são prazo suficiente.

Vamos descrever o modo como a preparação deve fazer-se, pois neste capítulo, como na maioria dos que fazem parte integrante da ciência boxística, andamos em Portugal muito às escuras.

Convém dividir em quatro épocas ou períodos a instrução do aluno. Assim, teremos:

1.º período — treino preparatório; 2.º — treino elementar; 3.º — treino complementar; e 4.º — treino especial.

Passemos, agora, a analisar, ainda que sumariamente, cada um destes períodos.

Treino preparatório — Esta primeira época destina-se a conseguir um corpo robusto, preparando-o para o rude e violento desporto do «boxe». Terá duração variável, que podemos supor de três a seis meses.

O trabalho isolado é muito pouco vantajoso. Aconselha-se a direcção de professor especializado competente ou a colaboração de dois, ou mesmo um, pugilistas mais adiantados e possuidores de real vontade de ajudar o companheiro.

A base da preparação é a ginástica geral e os exercícios com aparelhos especiais.

Tenha-se bem presente que os denominados exercícios de força devem ser excluídos, pois aumentam o volume dos músculos em prejuízo da sua elasticidade.

Esta última e a velocidade são os atributos primordiais de que se servem os jogadores. Por consequência, o objectivo da ginástica

preparatória será desenvolvê-los, em lugar de os reduzir. O género de treino indicado compreende os exercícios em que não há resistências a vencer mas que, em contrapartida, solicitam velocidade de movimentos e precisão.

Os movimentos de ginástica procurarão criar flexibilidade e soltura muscular. Certos exercícios especiais, robustecendo as paredes do abdómen, são indispensáveis, mas cautela com alguma hérnia inesperada. . . Juntamente, pratiquem-se rotações, flexões e circunvoluções do tronco, braços, pernas, etc.

Os aparelhos que completam a preparação, em recinto fechado, do aprendiz, e que se destinam exclusivamente ao pugilismo, são os seguintes: o saco de areia, ou *punching bag*; a bola de suspensão, ou *punching ball*; as maças indianas; os elásticos de parede; a corda de saltos; e a bola medicinal.

Juntamente com estes aparelhos, há que considerar: a marcha por estrada, o salto do eixo, o puxa-empurra, etc., que são outros mais auxiliares da preparação.

Antes de prosseguirmos, porém, vamos descrever cada um dos objectos essenciais para o treino, principiando pelo *saco de areia*.

É constituído por um involucre de couro macio, com cerca de 90 centímetros de altura por 40 de diâmetro. Contém outro de menores dimensões, em geral de lona forte, que se enche de cortiça, aparas, serradura, etc., algumas vezes com areia, apesar do nome que se lhe dá. O peso regula entre 30 a 50 quilos. O espaço que fica entre os dois involucores enche-se de crina, algodão ou esponja de borracha, para amortecer o choque dos punhos contra o involucre externo.

É no *saco* que se ensaiam e estudam os golpes, um por um. Antes de conseguir executar correctamente um dêi-s, não deverá passar-se a outro. Antes do conhecimento e domínio dos gestos, não pode praticar-se o golpe em força.

As mãos devem ligar-se bem ou, então, usar lvas especiais, que protegem os dedos contra luxações e fracturas, muito susceptíveis de acontecer.

(Continua)

Lord BADEN POWELL

Fundador do escutismo e grande amigo da juventude

O nome de Lord Baden Powell, recentemente recordado numa sessão de homenagem efectuada na Sociedade de Geografia, continua desfrutando de grande prestígio em todo o mundo. O respeito e a gratidão que a juventude tributa à figura gloriosa que ensinou a mocidade a compreender a vida ao ar livre, representam merecida recompensa à dedicação e entusiasmo com que Baden Powell organizou e divulgou o escutismo — que prepara saudavelmente os rapazes, levando-os ao contacto com a natureza e dando-lhes o verdadeiro sentido da camaradagem.

Os exercícios ao ar livre, as excursões pela montanha e o campismo, constituíram os principais elementos da orientação dada por Baden Powell à sua obra. É interessantíssima e valiosa a biografia do homem que criou e organizou o escutismo.

Nascido em Fevereiro de 1857, teve uma vida repleta de nobres acções em favor da humanidade. Orfão de pai aos três anos, entrou aos oito para a escola de Tunbridge Wells, onde permaneceu até ingressar na de Chaterhouse. A sua inteligência, camaradagem e bondade revelaram-se mais acentuadamente durante o novo curso. Belíssimo futebolista, destinava as horas vagas também ao teatro, à música e à poesia. Mais tarde ocupou o lugar de maior relêvo na



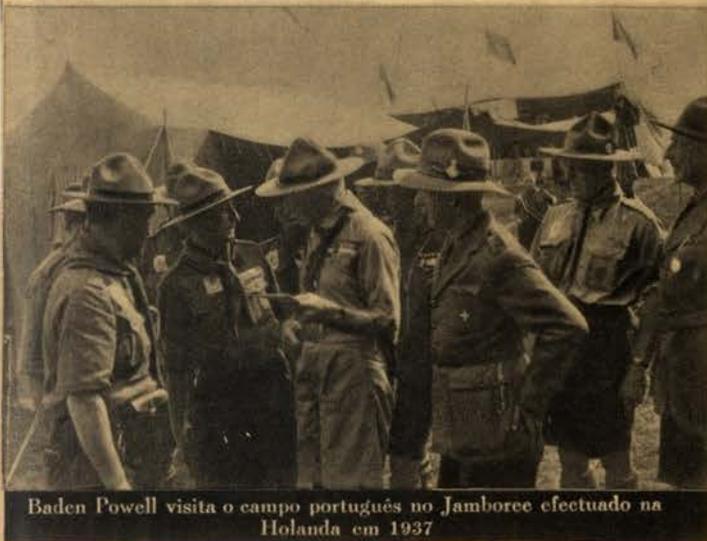
Em 1909 efectuou-se a primeira grande concentração escutista. Onze mil rapazes reuniram-se no Palácio de Cristal de Londres. Pouco depois, outra concentração, na Escócia, registava a comparação de 6.000 escuteiros.

O movimento escutista desenvolvia-se cada vez mais e para melhor realizar o seu sonho Baden Powell decidiu retirar-se do serviço militar, dedicando-se inteiramente à novel organização. De 1910 a 1912, quando o número dos escuteiros atingira, só em Inglaterra, o número de 140.000, Baden Powell viajou por toda a Europa — e por toda a parte fundou novos grupos.

Portugal aderiu também à grande idéa escutista, comparecendo nas concentrações efectuadas em Inglaterra, Hungria e Holanda e marcando bem a sua presença nessas grandes manifestações internacionais da juventude.

Baden Powell esteve em Lisboa, em Agosto de 1934. O glorioso general, que distinguiu sempre as representações portuguesas nas reuniões escutistas efectuadas no estrangeiro, afirmou publicamente o seu regosijo por visitar Portugal. Tanto o impressionaram as manifestações de apreço de que foi alvo que declarou desejar aprender o nosso idioma para, em nova visita, poder falar-nos e agradecer em português...

A memória de Lord Baden Powell é por isso grata aos portugueses. A homenagem que lhe foi prestada há pouco pela Associação dos Escuteiros de Portugal traduz a veneração que aos jovens continua merecendo o seu grande amigo, mestre e antigo chefe mundial.



Baden Powell visita o campo português no Jamboree efectuado na Holanda em 1937

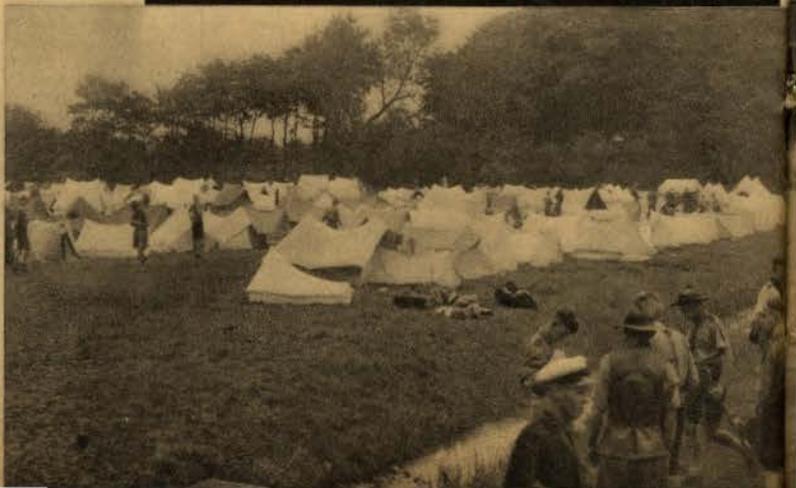
sua vida escolar: o de ajudante dos professores. Foi desde então que Baden Powell aprendeu a dirigir a juventude, começando aí o seu famoso sistema de «patrulhas».

Chegou, porém, o dia em que o estudante teve de pensar no futuro e, num concurso para oficiais do exército britânico, obteve o 2.º lugar entre 700 aspirantes. Ingressou assim na vida militar, que depois lhe concedeu tantas surpresas, alegrias e glórias. A sua acção valorosa em Africa deu motivo a que lhe fosse confiado o comando da defesa de Mafeking, onde sustentou, durante sete meses, terrível luta com os valentes «boers», conquistando a admiração e amizade dos seus soldados e a gratidão de todos os ingleses.

Chegou, entretanto, o ano de 1907. Baden Powell, ganha a celebridade, e com uma carreira colonial brilhante, começa a sua magnífica obra dedicada à juventude. A idéa do escutismo surgiu no seu espírito quando, na defesa de Mafeking, utilizava rapazes dos 10 aos 13 anos nos serviços de correios, estafetas, sinaleiros, etc.

Iniciou uma série de conferências nas principais cidades de Inglaterra, propagando o escutismo e a sua salutar influência na vida e educação dos rapazes. A idéa foi entusiasmaticamente compreendida e nas férias escolares do mesmo ano efectuou-se o primeiro «jamboree», que alcançou enorme êxito. As experiências colhidas neste primeiro acampamento deram lugar ao livro «Scouting for boys», um manual conhecido e traduzido em todo o mundo. Fundou ainda a revista para escuteiros — «The Scout».

Aspecto de um dos acampamentos no último Jamboree



HANDBALL

O X PORTO-LISBOA

cujo resultado foi o empate a 3 bolas, não correspondeu à expectativa, mas ofereceu espectáculo animado ao escasso público presente

A equipa portuense que veio a Lisboa disputar o décimo encontro inter-regional, pouco confiante em si própria pela ausência forçada de alguns elementos titulares, conseguiu o empate a com certeza ficou satisfeita; a equipa lisboeta, que esperava afirmar os seus anunciados progressos, não teve arte para arrancar a vitória, mas também não perdeu, o que em parte a satisfaz, porque mais vale alguma coisa do que nada...

Não acreditamos grandemente da influência de factores psicológicos, além da comprovada vantagem de jogar em terreno conhecido e ante público familiar — esta mesma muito mais apreciável nas equipas clubistas do que nos grupos de selecção; mas a verdade é que os antecedentes directos deste encontro se complicaram com tamanhas vicissitudes e sofreram de tão variadas incertezas, que é lógico crer na existência de um estado de enervamento geral, com reflexo nocivo na sensibilidade dos jogadores.

A Associação de Lisboa, e nomeadamente o seu infatigável presidente, Aníbal Marques, já tinha averbado importante vitória, independente do resultado desportivo do prélio: essa foi a realização do encontro sem dispôr de recursos que lhe assegurassem a independência organizadora e vendo de hoje para amanhã, de agora para logo, fugir-lhe debaixo dos pés o terreno con-



A selecção do Porto

Registemos as equipas: Porto: Teixeira, depois Lacerda; Guimarães e Coimbra; Teófilo, Perdigão e Tavares (depois Raúl); Alberto, Sousa, Xavier, Serafim e Fonseca. Lisboa: Délio, Almeida e Natividade; Parker (depois Valério) Miranda e Macara; Nascimento, Armando Pereira, Marceiros, Vicente e Ceia. Arbitrou o portuense António Magalhães.

Em esquematização sintética, a marcação foi sempre alternada: ponto portuense de Alberto, seguido, em menos de três minutos, por dois pontos lisboetas, de Vicente e Ceia, e dois minutos depois reposto o empate com um remate de Fonseca, que fora precedido de deslocação que o juiz não viu e lhe escapou.

(Continua na pág. 11)

quistado à custa de penosas diligências, auns contradanças que as explicações evocadas não conseguem esclarecer suficientemente.

O êxito da jornada, tanto no aspecto de propaganda da modalidade — que é o mais interessante e o que devia preocupar mais — como no aspecto material, que necessariamente importa aos dirigentes, foi prejudicado pelas alterações de última hora, que impediram a insistência do reclamo uniforme e desorientaram a opinião pública.

A assistência no Lumiar foi reduzida, mas ainda assim superior ao que em certo momento chegou a supôr-se; os aplausos ouvidos, os incitamentos frequentes, demonstraram o interesse com que foi seguida a partida e que certamente se avolumaria em circunstâncias diversas, se, como se diligenciou obter, o jogo tivesse sido agrupado com qualquer manifestação de modalidade mais popular e que servisse de aliciente aos espectadores.

O jogo, que não nos interessa descrever porque é tarde para o fazer, decorreu animoso, com predominância territorial do ataque lisboense — mas tão enérgica reacção dos portuenses que a vantagem do primeiro nunca durou mais de escassos minutos e o perigo de ver perdido o empate foi sempre igual à possibilidade de o desmanchar a favor.

Em cima e em baixo: duas fases do encontro



A grandes males — fortes remédios

OS dirigentes do «rugby» português — e dizem assim em vez de lisboeta, porque é Lisboa o único centro de actividade no país — aproveitaram bem esta interrupção pessoal do campeonato para estabelecer com rigor as condições que devem nortear o seguimento de práticas da modalidade, de maneira a conseguir o progresso técnico das equipas praticantes e a disciplina do espírito de jogo nos encontros oficiais.

A nomeação já oficializada da comissão distrital de árbitros, que ficou constituída por Salazar Carreira, Soares Albergaria e José Malheiro, permitiu aos dirigentes encontrar o apoio necessário para garantia das bases de reforma mais urgentes.

O plano de acção que tivemos a honra de apresentar à direcção da A. R. L. mereceu completo e incondicional acordo, que se repetiu uma semana depois por parte dos árbitros em exercício, na primeira reunião conjunta para que foram convocados.

A gravidade da crise que atravessa o «rugby» é muito maior do que poderia supor-se pelas aparências; quanto mais se profunda, mais desolador é o vácuo que se encontra. Melhor prova não conseguiremos apresentar do que esta, de serem apenas cinco os juizes com que pode contar a Associação para dirigirem os seus encontros de campeonato!

Os males que afixam a vida do «rugby», e que foram apontados e confirmados nas reuniões preparatórias que referimos, são: desinteresse, ignorância das regras por parte dos jogadores, demasiada benevolência dos árbitros e ausência de desportivismo nalguns dos praticantes.

Para tais males propuseram-se os seguintes remédios: o desinteresse combate-se pela propaganda — e neste campo é fácil agir, visto os dois órgãos da imprensa desportiva lisboeta consagrarem comprovado carinho à modalidade. Para eles se apela no sentido de intensificar a divulgação dos preceitos de jogo, captar as simpatias populares para as suas competições e punir com a autoridade crítica os actos repressíveis de brutalidade ou indisciplina.

A ignorância dos jogadores combater-se-á por todos os meios de influência directa ou indirecta: palestras nos clubes praticantes, conselhos doutrinares na imprensa, rigorosa aplicação das regras por parte dos árbitros, etc. É curioso notar que a A. R. L. editou há dois anos as leis de jogo, em cuidada tradução actualizada, e apenas um escasso número de exemplares saiu ainda dos seus armários...

Por parte de «Stadium», podemos anunciar o próximo início de uma série de artigos técnicos, acompanhados de gravuras explicativas, focando a missão dos vários jogadores e comentando as disposições mais regulamentares.

A benevolência dos árbitros — que traz em consequência a generalização de vícios e irregularidades que ao fim de certo tempo, os jogadores, no seu absoluto desconhecimento das regras, acabam por julgar actos legais — será substituída por um rigor máximo, cujo critério é unificado pela orientação da comissão Distrital.

Os árbitros reunir-se-ão todas as terças-feiras à noite com a Comissão, a fim de comentar o espírito da lei, esclarecer dúvidas, participar da crítica às arbitragens do domingo precedente e receber directrizes adaptadas às circunstâncias.

Na reunião passada ficou taxativamente determinado que nenhuma preocupação de interrupção demasiado frequente das jogadas pode impedir o juiz de castigar, pelo critério do rigor máximo, as faltas usuais que impedem o desenvolvimento normal das evoluções em campo; ficou particularmente designado à atenção dos árbitros o hábito das deslocações dos terceiros-linhas e do médio, quando a bola está dentro da formação. Outros pontos assinalados: respeito pela regra da bola presa, que obriga o seu portador a soltá-la imediatamente no solo; abolição dos jogadores «altos-falantes», aqueles que gritam muito e jogam pouco, cujo procedimento será considerado jogo incorrecto e punível com pontapé livre, quando repetido com insistência; constituição imediata das formações, sem espera pelos retardatários nem repetição por causa daqueles que se não baixaram a tempo.

Quanto à ausência de espírito desportivo, felizmente rara mas que se não pode consentir que alastre, foi dada aos árbitros toda a autoridade repressiva, exigindo-se-lhes em contrapartida inteira responsabilidade quando previerem por condescendência relativa a procedimento violento ou desleal, agressão ou atitudes mal intencionadas.

A Associação nomeará para cada jogo um delegado, que apresentará relatório sobre os factos observados e cuja autoridade disciplinar se sobrepõe à do árbitro nos casos de tolerância fora dos preceitos estabelecidos.

Não mais se consentem as apreciações desprimorosas às decisões do árbitro, os comentários em alta voz, as discussões às suas ordens; exige-se completa disciplina de todos e integral consciência da dignidade própria em cada um.

O «rugby», jogo másculo e vigoroso, é belo e aconselhável desde que os seus praticantes sejam homens leais e escravos do espírito desportivo em todas as emergências. Quem assim não proceder é péssimo elemento e perigoso colaborador; a Associação — e bem haja! — está disposta a escorraçar quantos assim forem, para que se não estrague o que de bom existe ainda e possam voltar algumas virtudes perdidas.

SALAZAR CARREIRA

FUTEBOL

Alguns comentários aos torneios de júniores

CONTINUANDO numa interessante e utilíssima campanha de propaganda do desporto-rei, cinco associações de futebol do país fizeram disputar, este ano, os seus campeonatos de júniores. E as provas, mais nuns que noutras regiões, despertaram natural interesse, justificado, aliás, pela circunstância de se tratar de torneios de indicação das possibilidades dos jogadores jovens — os verdadeiros «ases» de amanhã. Muitas das nossas figuras de maior projecção no futebol — desnecessário é citar-lhes os nomes... — vieram das camadas inferiores, dos antigos torneios infantis, hoje apelidados de júniores. E através dos tempos guindaram-se, mercê de valor aos poucos confirmado, a situações de evidência naquela modalidade do desporto — a mais cultivada, não só por cá como no estrangeiro. Por que descurar, pois, a nobre missão de preparar os jogadores do futuro, sabido que é pela prática frequente e metodizada que se criam os autênticos campeões? E, assim o entendendo, as mais importantes associações de futebol do país organizam, todos os anos, as provas de júniores, com aplauso unânime e colaboração preciosa das colectividades de maior nome: Belenenses, Benfica e Sporting, por Lisboa; Académico, Boavista e F. C. do Porto, pelo Porto; Académica, Sport e União, por Coimbra; Barreirense, Luso e Vitória, por Setúbal; e outros clubes mais...

Concluídos os torneios das respectivas regiões (e é pena, realmente, que outros centros, como o Minho e o Algarve, por exemplo, não cuidem também, com critério e cuidado, deste problema do desporto) disputar-se-á, entre os vencedores, o campeonato nacional — prova máxima, de habilitação para as esferas superiores do futebol. Quem são os apurados? Por enquanto conhece-se e indicam-se alguns: Sporting, por Lisboa; F. C. do Porto, pelo Porto; Associação Académica, por Coimbra; Barreirense ou Vitória, por Setúbal; e, possivelmente, Sporting de Espinho, por Aveiro. De entre estes sairá o campeão nacional de júniores, em futebol.

Como sucede quasi sempre, o campeonato de Lisboa reuniu o melhor lote dos concorrentes: oito foram os clubes que disputaram a competição de apuramento, em duas séries; numa, agruparam-se Benfica e Sporting — que vieram a ser os finalistas, Fósforos e Marvilenses; noutra ficaram Belenenses, Unidos, Atlético e Casa Pia

Jogos entre selecções

A propósito do último Porto-Lisboa em futebol, vimos, em um nosso prezado colega da especialidade, alguns comentários de crítica, não diremos à iniciativa, mas ao sistema. Há, pois, quem não goste de tais desafios e esse facto não deve constituir surpresa... Mas há também quem goste. Nós pertencemos a esse número. E julgamos oportuno defender o nosso ponto de vista.

Teoricamente, um desafio de futebol, como qualquer prova de todas as outras modalidades, deveria valer pelo brilho da exibição. Seria ideal que um encontro do popular desporto valesse por si mesmo, como jogo de equipa. O certo, porém, é que vale muitas vezes pelo resultado que se espera. É por isso que se diz que o público vai por vezes ver ganhar o seu clube — e não para ver jogar duas equipas... A influência de qualquer resultado devia constituir somente um alicativo para o jogo. Mas abusa-se frequentemente desse estado de espírito. O que importa, é ganhar. O resto, não conta...

Bastaria que os jogos entre selecções valessem unicamente como etapas de repouso para se justificar a sua realização. A rivalidade entre uma ou outra localidade podem ainda constituir bom estímulo para a luta. Mas o objectivo mais saliente deste tipo de jogos é o de promover a aproximação desportiva entre diversos núcleos do país. Estes jogos servem, no entanto, para avaliar dos recursos de um jogador, integrado numa equipa de mais relevo, por vezes com vista à selecção nacional. Sem a preocupação do resultado, um jogador e uma equipa são susceptíveis de melhor rendimento e melhor exibição.

Os jogos disputados em Lisboa no primeiro domingo deste mês corresponderam, completamente a este objectivo. Fez-se boa propaganda, do jogo e das relações amistosas entre várias associações regionais. A exibição, em qualquer dos encontros, teve fases de nitido brilhantismo. O público viu mais o jogo que o resultado. E contribuiu, assim, para que a jornada fôsse das mais agradáveis em ensinamentos. Como notas que vão perdurar ainda algum tempo bastam, conforme o nosso excelente camarada Ricardo de O nelas pôs em relevo no «Diário Popular», a simpatia dispensada pelo público ao modesto guarda-redes da selecção de Évora e a notável proeza de Gregório, a interior esquerdo, com quatro ou cinco bolas marcadas com evidente desembaraço.

A. C. Cada «team» apresentou, claro está, as suas características mais ou menos definidas; mas os melhores foram Atlético (arredado da «final» apenas pela diferença de «goals» em relação ao Unidos), Belenenses, Benfica, Fósforos, Sporting e o já citado Unidos.

Não importa, dar a conhecer, mesmo em pormenor, os nomes dos rapazes que mais se evidenciaram — porque, em regra, todos todos eles cumpriram bem a sua missão, lutando sem desfalecimento e pondo no jogo todo o seu saber, que, em alguns, é já apreciável — demonstração de que assimilaram convenientemente as indicações de quem os ensinou. O que importa neste caso é focar a utilidade de torneios de género — ponto de partida para a preparação dos «ases» de amanhã, dos substitutos das grandes figuras do momento no futebol português. E tirar, por consequência, o maior partido das facilidades que esse núcleo de jovens desportistas demonstraram.

Ora quando os defeitos naturais não são «limados» a nascença, então lá se vai tudo quanto se projete para futuro! Este papel coube — e caberá — aos treinadores dos clubes, homens experimentados e conscientes da sua missão. De-se-lhes, pois, a maior latitude de acção — para que o trabalho, em globo, resulte o mais perfeito possível.

Em relação à «epopeia» final, fixem-se alguns dos jogadores que, através do campeonato, melhores provas fizeram da sua capacidade. Tomem, por exemplo, o keeper sportinguista (um Azevedo em miniatura, na forma de defender e no jeito de equipar...), os três «halves» do Belenenses, o «back» esquerdo dos «leões», o interior-direito do Benfica e a defesa — toda ela — dos unidistas.

Para remate, dê-se uma notícia: a seguir ao campeonato nacional — entre os cinco vencedores regionais: três na zona norte (Aveiro, Coimbra e Porto) e os dois do sul (Lisboa e Setúbal) — e projecta-se organizar um «match» Lisboa-Porto, na capital e antes da «final» da Taça, a competição dos maiores... A ideia, por interessante, não deve ser posta de parte, e é de grande utilidade para divulgação do desporto-rei e ainda como prémio de compensação aos jovens que mais se notabilizaram nos torneios das suas respectivas regiões.

PEDRO DE MONTALVO

**AOS DESPORTISTAS!!!
AO PÚBLICO EM GERAL!!!**

O vosso fato já está muito usado?!
Não hesite, vá apresentá-lo à
AGÊNCIA COMERCIAL DE LISBOA
Rua do Alcázar, 43-1.º LISBOA
que, nas melhores condições, lho compra dando-lhe o seu justo valor.
A casa que melhor compra todos os fatos usados
TELEFONE 27269

No declinar do 12.º Campeonato de Lisboa

COMPLETAM-SE este mês os primeiros cinquenta anos do olimpismo moderno. Coube a Pierre de Coubertin, célebre desportista francês, fazer a reconstituição e renovação dos Jogos Olímpicos da antiga Grécia. Vem de 1904 a reorganização, com esse complemento valioso que é o olimpismo, ou seja, de certo modo, a internacionalização do desporto como base de aproximação entre os diversos povos, considerado o desporto dentro do mais rigoroso amadorismo.

O reflexo de renovação dos Jogos Olímpicos apenas se fez sentir entre nós em 1906, com a nomeação do dr. D. António de Lencastre para representar Portugal no Comité Internacional. E o primeiro Comité Português constituiu-se em 1909. É todo este labor, em pro da expansão do desporto e das boas regras de amadorismo, que o C. O. P. começa a festejar, no próximo sábado. O Comité Internacional quis comemorar as «Bodas de Ouro» com um torneio internacional, na Suíça, mas teve de pôr de parte esse seu projecto até que a paz possa voltar aos espíritos.

PRINCIPIA no próximo domingo a disputa da «Taça de Portugal» em futebol. Fecha-se assim a série dos torneios oficiais do popular desporto. E vai-se fechando a pouco e pouco com a successão das quinzenas, umas após outras. Realizam-se ainda grandes jornadas, espectaculosas, vibrantes, emotivas. Mas os clubes vão saindo — à medida que se aproxima a final. É o começo do descanso, para uns. E o redobrar de canseiras — para os que podem resistir...

O último jogo — é a girândola final!

ÉSTE ano volta-se na «Taça de Portugal», em futebol, ao princípio de 2 jogos disputados em duas «rodas». Há quem concorde e quem discorde. A verdade é que um segundo desafio pode repôr no devido lugar o valor quebrado numa tarde de infelicidade.

OS jogos desportivos numa só «mão» deveriam ser disputados em terreno neutro. Quando se fazem em campo escolhido por sorteio, ressentem-se desse facto. O sorteio do campo tem, ou pode ter, grande influência, no resultado. Bem sabemos que a sorte é contingente. Mas é pena que a sorte influa de mais na marcha de um torneio, contribuindo para que fiquem pelo caminho equipas que podiam ir mais longe.

O melhor marcador de «goals» no campeonato nacional de futebol foi Francisco Rodrigues, avançado centro do Vitória de Setúbal. Marcou 28 pontos, contra 24 de Peyroteo. O excelente avançado setubalense conseguiu ser o melhor, num clube classificado em lugar modesto. É preciso ser bom para brilhar nestas condições!

OS clubes que se dedicam à natação começam a preparar as suas equipas, com vista à abertura oficial da nova temporada, em Maio próximo. O Algeês e o Estoril são os que mais trabalham, de momento. Mas os outros não descaram também o problema. A nova época está despertando grande expectativa. Deve quebrar o marasmo dos últimos anos.

A medida que o ano avança e a temperatura melhora fazem-se os últimos preparativos para os desportos náuticos. Disputaram-se já algumas provas em natação e remo. E os barcos de vela começaram a singrar no Tejo, em treino das tripulações.

MANUEL Nunes de Almeida conseguiu outro triunfo, com a capa do último número da «Stadium». Nunes de Almeida não é apenas um artista na escolha dos assuntos a fotografar. Possui também um belo sentido de composição. A última capa da nossa revista é um documento que o honra como fotógrafo. Aproveitemos o ensejo desta notícia, para agradecer a Ricardo de Ornelas a sua referência amiga no «Diário Popular».

MAIS duas «rodas» e estará concluído o 12.º campeonato lisboeta de ténis de mesa, organizado, como sempre, pela A. T. M. L. Por outras palavras: depois de amanhã estará terminada a mais animada competição dos últimos anos.

As três últimas «saídas» dos concorrentes, já dentro da segunda volta do campeonato, merecem uma apreciação global. E é isso que vamos fazer, dentro do pouco espaço de que dispomos.

Combatentes ou Sporting?

Na Divisão de Honra, todos os encontros de repetição têm confirmado da melhor maneira o valor evidenciado pelos seis concorrentes na primeira metade da prova. Nas três «rodas» (6.ª, 7.ª e 8.ª) só um encontro teve por protagonistas duas das melhores equipas. Referimo-nos ao Combatentes-Benfica, que, tal como da primeira vez, foi ganho pelo clube da Rua do Possolo, por 5-4. Com este desfecho, o torneio perdeu parte do interesse. Os «encarnados» viram fugir-lhes as esperanças de manter a posse do título que, mesmo com a vitória nesse encontro, seriam muito vagas — e só dois concorrentes continuaram a poder pensar na vitória final: «Os Combatentes» e o Sporting. A luta de ontem, entre ambos, disputada a horas a que já está fechada a paginação da «Stadium», pode muito bem ter decidido a questão. Se os «leões» perderam, o título foi conquistado pelo Combatentes; de contrário, teremos uma final.

Nos restantes encontros nem um só vaticínio sofreu desmentido. Os três «maiores» defrontaram sempre concorrentes do segundo

EM Paço de Arcos acaba de realizar-se a fusão de três clubes: Desportivo Académico de Paços de Arcos, Paço de Arcos Hockey Club e Paço de Arcos Sporting. Três clubes distintos e um só grupo verdadeiro: o Grupo Desportivo de Paço de Arcos.

Reunir forças dispersas é criar colectividades com melhores condições de existência.

CONCLUIU o campeonato lisboense de «basket-ball» com a vitória do Carnide Clube. Segue-se, na ordem dos torneios oficiais, o campeonato de Portugal, em «poules» com oito clubes, entre Lisboa, Porto e Coimbra. É uma prova disputada no gosto do campeonato nacional de futebol. Vai ser a pedra de toque da expansão do «basket» na província. A época fecha, depois, com a «Taça de Honras».

A União Velocípédica Espanhola, por intermédio de um comité especial, dividiu os corredores profissionais em diversas categorias. É um processo curioso de permitir melhor equilíbrio de valores em corrida.

trio da classificação e ganharam em condições de não se poder duvidar da sua superioridade.

Nas categorias inferiores, o Sporting e o Benfica continuaram a marcar folgada vantagem.

O Liberdade já ganhou na I Divisão

Na I Divisão, o «caso» arrumou-se antecipadamente. O Liberdade tem continuado a ser o único concorrente a mostrar regularidade, indiferente à carreira dos outros clubes, mas tirando bom partido dos inesperados resultados que teimam em fazer. Os campolidenses, mais brilhantes até do que na primeira volta, estão certos da conquista do título ainda que viessem a perder os dois encontros que lhes faltam.

Internacional, Ateneu, Picheleira e Carnide parecem apertados em não consentir prognósticos. O Cif começou bem a 2.ª volta; ganhou ao Picheleira, mas para perder logo a seguir com o Carnide. Afigura-se-nos que o Ateneu e o Carnide virão a ficar na primeira metade da classificação e que o Picheleira e o Internacional descerão na tabela. O Adicense será o último.

Outro campeão — o Belenenses

Na II Divisão, o Belenenses — pode dizer-se — ganhou a prova na sua sexta «saída». Jogou contra o Monte Pedral e voltou a vencer, ficando com a vantagem de 6 pontos sobre os segundos classificados. Com os «azuis» nunca mais deixaram de vencer, a vantagem mantendo-se... e o título está ganho.

É curioso salientar que este torneio tem características em tudo iguais às da I Divisão. O «leader» beneficiou largamente da «embrulhada» entre os restantes. E há também um concorrente que, só com uma vitória, está condenado ao último lugar: o Penha.

Monte Pedral, Arroios, Centro e Intendente estão em posição tal que os seus lugares só serão conhecidos depois de terminada a prova.

Nos inferiores, ainda as coisas não se modificaram. Os favoritos — D. C. Arroios, em 2.ª, e Belenenses, em 3.ª e 4.ª — continuam à frente.

Um título para dois?...

Entre os promocionários, Alunos de Apolo e o Lisbonense continuaram a reservar-se para a última «ronda» — a de ontem.

O Lisbonense conservou sobre o Alunos de Apolo a diferença mínima de dois pontos, alcançados no encontro entre ambos, na 1.ª volta.

A superioridade de um e outro, sobre os dois restantes concorrentes, é manifesta. Se a Alunos de Apolo, ontem, conseguiu bater o Lisbonense, teremos mais uma final. De contrário, o «assunto» ficou liquidado.

TEE-TEE

Excursão ao Freixial promovida pelo Grupo Ciclo-Turista «Os 15»

PARA inauguração da época, o Grupo Ciclo-Turista «Os 15» promove, no domingo, uma excursão ao Freixial, com inscrição grátis e aberta a todos os ciclo-turistas, representem ou não qualquer clube desportivo ou recreativo.

A partida é dada às 8.30, junto à casa de bicicletas de Arnaldo Marques Pinto, no Campo 26 de Maio. O itinerário é o seguinte: Lumiar, Carriche, Olival de Basto, Loures, Pinheiro de Loures, Alto da Rampa da Pitteira (local de descanso e lanche), Ponte de Lousa, Cabeço de Montachique, Vale de S. Gilão e Freixial (almôço no pinhal). O regresso efectua-se às 19 horas, por Bucelas, Tejal e Loures.

Os ciclo-turistas precisam de ir munidos de lanche e vasilhas para água. No Freixial será sorteado, entre os concorrentes, um objecto de utilidade. Os clubes interessados deverão enviar uma lista com os nomes dos ciclo-turistas que desejem tomar parte no passeio. Na marcha, as senhoras manter-se-ão sempre à frente das delegações dos respectivos clubes. O regresso é feito à vontade.

O Grupo Ciclo-Turista tenciona instituir um prémio para o ciclo-turista que em 1944 registar maior número de presenças em excursões promovidas quer por aquele grupo, quer por qualquer outra organização congénere,

MÓVEIS JOAL
DESENHAM, EXECUTAM E DECORAM
Av. Almirante Reis, 233-B (Carro do Ariello)
TELEFONE 4 4033
L I S B O A

TENDAS
e todo o material portátil para a prática de
CAMPISMO
VIEIRA CAMPOS
(ANTIGA CASA FIGUEIREDO)
215, R. do Prato, 217 LISBOA

TRÊS VITÓRIAS DO BENFICA...
No campeonato de júniores da A. F. L.



Os júniores campeões de Lisboa...



...é uma fase do jogo, no qual os «encarnados» ganharam por 3-0

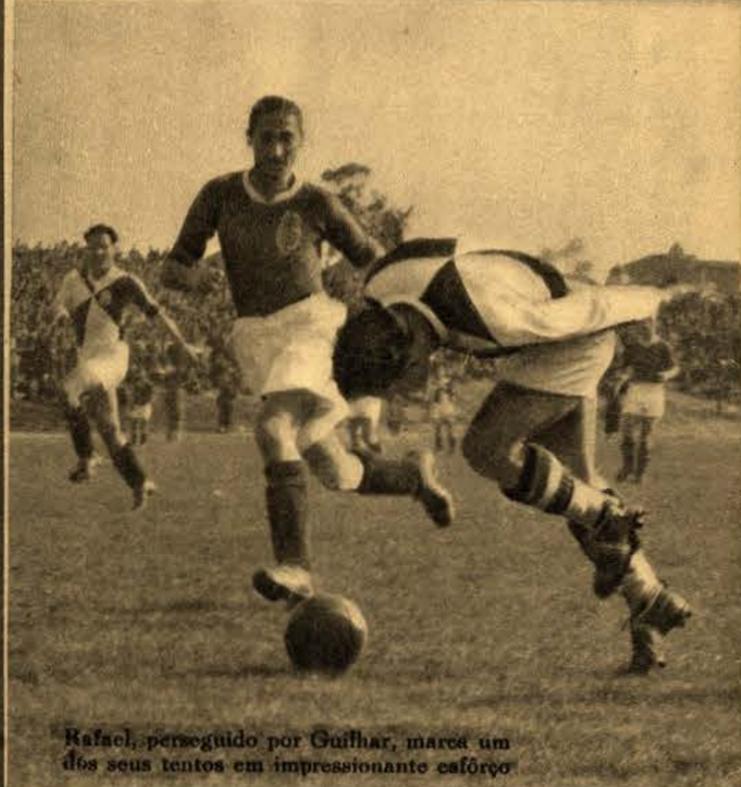
Na taça «Agostinho Amorim», em hokey em campo



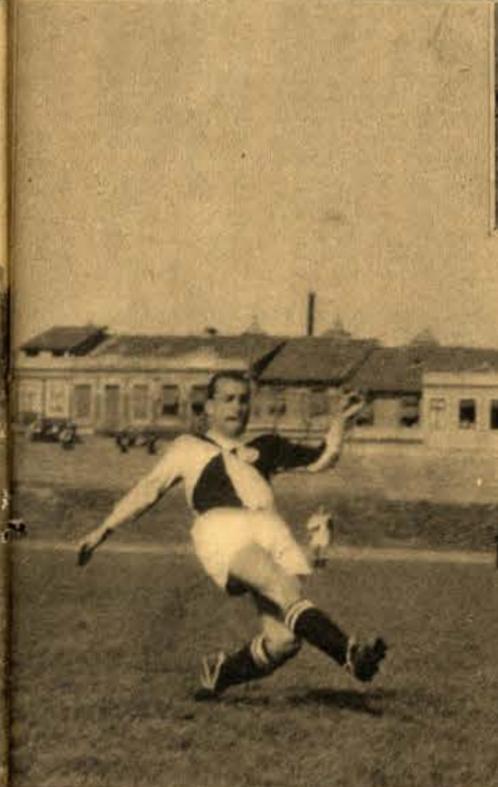
No «Cross dos Dez» A equipa do Benfica vencedora da prova



Ataque de Lisboa em energética infiltração entre Peyroteo e Manuel da Costa



Rafael, perseguido por Guilhar, marca um dos seus tentos em impressionante esforço



FUTEBOL INTER-CIDADES
A SELECÇÃO DE LISBOA
VOLTOU A VENCER A DO PORTO

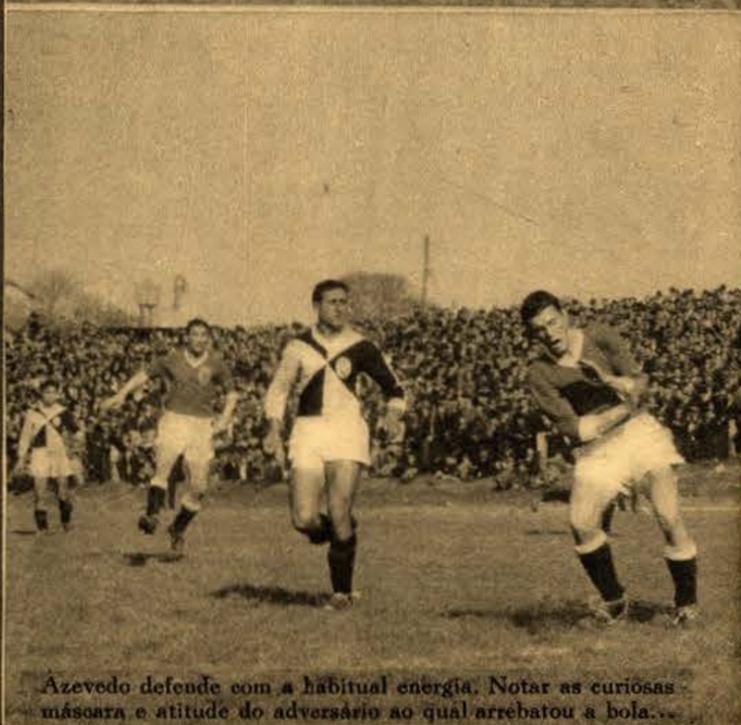
(Fotos Hermann)



«Goal.» Não! Martins estava batido — mas o remate foi dirigido para fora...



Manuel da Costa dispara o 1.º ponto dos lisboetas



Azevedo defende com a habitual energia. Notar as curiosas máscaras e atitude do adversário ao qual arrebatou a bola...



Barrigana mergulha para interceptar um passe dirigido a Manuel da Costa. Rafael e José Pedro aguardam...

O EMPATE NO III LISBOA-PÓRTO

comentado por VASCO C. SANTOS

QUANDO em Novembro do ano passado, se realizou o III Pórtio-Lisboa e se obteve o resultado de 7,5 a favor da capital, persistiu a impressão de que não se tinha definido, ainda, a diferença de classes e as possibilidades das duas equipas, tanto mais que não puderam comparecer alguns dos mais categorizados xadrezistas de ambos os lados. A eventualidade de se efectuar um encontro-desforra passou a dominar o espírito de numerosos adeptos da modalidade, principalmente portugueses. Essa aspiração pouco tardou a ter realidade — bem mais depressa do que se esperava, diga-se de passagem — graças ao dinamismo de Francisco José Lupi, o grande animador da prova.

Assim, graças à Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, foi possível trazer agora ao Estoril, a selecção do Pórtio, integrada dos seus melhores elementos: J. Mário Ribeiro, campeão do Pórtio e Mestre da F. P. X., Leonel Pias, «leader» do actual campeonato do G. X. P., Américo Martins, ex-campeão do Pórtio, dr. Bernardo Encarnação, Alexandre Gonçalves, Manuel Costa, Gencsi Dezo e Augusto Faria. Acompanhavam-nos o suplente Aristides Cunha e o dr. Adelino Ribeiro, presidente do Grupo de Xadrez do Pórtio, a quem foi confiada a direcção da prova.

Contra a forte equipa nordestina, na qual só era de notar a falta de Evaristo de Oliveira, campeão do G. X. P., opôs-se a selecção de Lisboa, constituída pelos mestres Carlos Pires, João de Moura, drs. Mário Pereira, António Maria Pires, Gabriel Ribeiro Braumann, Francisco Lupi e Rui Nascimento, campeões respectivamente de Lisboa e do G. X. L.

Um rápido balanço permite-nos salientar a homogeneidade da equipa lisboeta, em contras e com a do Pórtio, passivelmente menos favorecida nesse capítulo, mas reunindo valores individuais de primeira grandeza.

O encontro

O «match» efectuou-se no «hall» do Casino do Estoril. Os portugueses, jogando com as brancas nos tabuleiros ímpares, revelaram conhecimento absoluto da teoria dos preliminares da partida. Os lisboetas, talvez inferiores nesse complexo capítulo, não cederam, contudo. As aberturas jogaram-se, na generalidade, muito rapidamente; pouco a pouco, as partidas foram ganhando expressão e, conseqüentemente, as primeiras hipóteses começaram a fervilhar. O dr. A. Maria Pires, Leonel Pias, F. Lupi e Nascimento foram os primeiros a adquirir vantagem. No entanto, os adversários — o dr. Encarnação, Moura, Dezo e Faria — ripostavam animosamente, e não tardou que Nascimento visse modificar-se o aspecto da sua partida, graças ao bem conduzido contra-ataque de Augusto Faria. Entretanto, no tabuleiro I, em que se defrontavam os campeões nacional e do Pórtio, travava-se luta demorada e sem interesse de maior. Noutro tabuleiros, o dr. Mário Pereira resolvia com a facilidade que lhe é peculiar o problema da abertura, enquanto, ao seu lado, Ribeiro Gonçalves e Braumann e Manuel Costa enveredavam por linhas de jogo sem atractivos.

Após quatro horas de intensa luta, registaram-se os primeiros resultados: Pias (Pórtio) derrotou Moura, num final de partida em que ambos evidenciaram o seu valor; o dr. Pires (Lisboa) venceu com relativa facilidade o dr. Encarnação; Lupi (Lisboa), ganhou a Gencsi Dezo uma partida em que sempre dominou; Braumann, impotente para bater o seu antagonista, viu-se coagido a empatar; e Américo Martins (Pórtio) saiu vencedor de um interessante final, depois de ter perdido um peão.

Ficaram suspensas as partidas Nascimento-Faria, J. Ribeiro-C. Pires e dr. Ribeiro-Gonçalves. Registava-se o «score» de 2,5 a 2,5.

Na segunda sessão e perante numerosa assistência, superior à da primeira, as equipas defrontaram-se com a mesma ordem de tabuleiros, tendo-se apenas alternado as «côres», segundo as normas habituais. De novo, as atenções gerais se inclinavam para o 1.º tabuleiro,

onde mais uma vez estavam frente a frente o campeão de Portugal e a prometedora esperança dos portugueses, o jovem Ribeiro. Mas Carlos Pires, num alarmante abaixamento de forma (em menos de uma semana perdeu 4 jogos de responsabilidade!), exibiu jogo incerto e incompreensível, se atendermos à elevada posição que desfruta no nosso Xadrez. João Mário, em franco progresso, não teve, assim, dificuldade em bater o seu adversário, oferecendo o mais um ponto precioso à equipa. Nas restantes partidas, com excepção de uma ou outra, o nível técnico subiu consideravelmente, caracterizando-se pela «tática agressiva», de que fizeram uso Leonel Pias, Nascimento e Gonçalves.

O apuramento dos vencedores começou cedo, dado o ritmo acelerado com que se jogou a maioria das 8 partidas. Uma das primeiras 8 «decisões» deu-se no tabuleiro 4, onde o dr. Encarnação (Pórtio) venceu o dr. A. Maria Pires. O antigo campeão nacional esteve verdadeiramente infeliz; o seu cérebro, p. derosamente dotado, domina ainda a extrema complexidade dos escaques, mas acusou, talvez, o esforço despendido da sessão anterior. Quasi simultaneamente, Leonel Pias e Alexandre Gonçalves forçaram a desistência os seus adversários, deixando lisongeira impressão. No tabuleiro 7, o campeão lisboeta dominou segunda vez Gencsi Dezo, realizando um dos seus melhores jogos da presente época. Muito interessante também foi a partida Faria-Nascimento, que terminou rapidamente com a vitória deste último, mercê do êxito de uma linda combinação que visava o ganho da Dama.

ATLETISMO

O «CROSS DOS DEZ» FOI O «CROSS» DE UM: João Silva

A terceira jornada da época de corta-mato foi preenchida pela clássica corrida chamada dos «Dez», sem dúvida das mais interessantes pelo seu regulamento, que obriga os clubes concorrentes a apelar para todos os seus valores, a fim de reinfirmem a conta necessária para a classificação.

Porque obriga a esforço colectivo, é, também, esta a competição que mais se aproxima do espírito característico das provas do género, às quais se reconhece, nos países onde adquiriram popularidade e enorme expansão, primazia do resultado global de cada equipa sobre a proeza individual dos vencedores.

Em Portugal, ninguém se preocupa com a tática colectiva e todos os corredores cuidam exclusivamente do seu destino, delirando obter a melhor posição, porque nunca lhes ensinaram as noções de agrupamento, de apoio aos camaradas da mesma cor clubista, de cooperação pré-estabelecida. O mal é universal, nenhum clube lhe escapa; pode afirmar-se, até, com propriedade, que o conceito português das provas de corta-mato é diferente daquele estabelecido no estrangeiro.

Apenas de um homem me recordo que possuía o espírito de equipa e muita vez o pôs em prática, para «reboçar» os companheiros cuja melhor classificação lhe interessava: o inigualável Manuel Dias, nos seus aéreos tempos de campeão.

A corrida de domingo foi, portanto, dentro das normas usuais, uma prova cuja classificação dependia dos valores individuais de dez homens, e foi o Benfica quem, largamente, dominou os únicos dois competidores, Sporting e Atlético, este nem sequer conseguindo completar, na meta, a conta necessária.

O percurso, escolhido nos acidentados contrafortes de Monsanto que descem para Alcântara, nas imediações do campo da Tapadinha, é excelente mas muito duro; praticamente, só é plano o curto trço de passagem pelo terreno de futebol. Como a distância ascendeu para oito quilómetros, o esforço pedido aos partici-

Manuel Costa, candidato à categoria de honra do G. X. P. demonstrou boas qualidades em ambos os jogos; um deslize no final de partida, acarretou-lhe, porém, a derrota.

A partida jogada entre o dr. Mário Pereira e Américo Martins prolongou-se até bastante tarde (das 16 às 22 horas!). O jogo decorria com igualdade, quando, súbitamente, o antigo campeão nacional, vendo a má pontuação de Lisboa, resolveu mudar de tática. Colocando o rei em segurança, após uma longa digressão de profundo alcance estratégico, o dr. Mário Pereira desencadeou um violento ataque contra o roque aparentemente inexpugnável do adversário, destruindo-o-lhe a posição... e as esperanças dos portugueses, que vieram novamente as equipas empatadas, a 7,5 pontos.

A sessão final, destinada ao acabamento das partidas suspensas, era guardada com justificada apreensão por parte dos lisboetas. Nascimento, com um peão de desvantagem e Ribeiro e Pires com poucas «chances» de ganho, davam azo a cálculos pouco satisfatórios. Todavia, bem depressa se desvaneceram essas preocupações: ao passo que, Gabriel Ribeiro empatava com Gonçalves, Rui Nascimento, jogador de grandes recursos, modificava mais uma vez a feição da partida, acabando por ganhá-la — e salvando da derrota a selecção de Lisboa. Então, todas as atenções convergiram para o tabuleiro 1, onde Ribeiro, reconhecendo o perigo que corria a sua equipa, redobrava de esforços. A partida tinha enveredado por uma variante teoricamente empatativa. Mas, o xadrezista português, em lances admiráveis de precisão, que deixou maravilhosos os melhores técnicos da especialidade, refutou com mestria a tática do campeão nacional e acabou por forçar o simbólico tomo do rei adversário!

O Pórtio não cedera, graças à extraordinária classe do seu juvenil campeão, o mestre João Mário Ribeiro!

(continua na pág. 14)

pantes era muitíssimo maior do que os agradáveis passeios precedentes na pista do Jockey. Quem afirmar, nesta seqüência, propósitos definidos de progressão não passa, ante os factos, de fantasioso ironista.

O «Cross» dos Dez teve um grande vencedor: João Silva. Este rapaz franzino, de máscara enérgica e passada fácil, despediu-se quando quis do pelotão, já disperso dos adversários, e correu como quis em busca da meta ainda distante, que alcançou com mais de um minuto de avanço, sobre o imediato classificado.

Atrás dele, chegou outro rapaz do mesmo tipo, o estreante Manuel Gomes, e, cinquenta metros distante, outro benfiquista já consagrado como homem de fundo: Manuel Gonçalves, delgado e leve como os dois primeiros.

Só, depois, se intercalou o sportinguista Aníbal Barão, o homem que em quatro anos consecutivos ganhou esta corrida, pela qual mostrou sempre particular preferência.

Vêm, em seguida, Jaime Miranda e Filipe Lufs, António Rodrigues — que vai em firme senda de progresso —, Joaquim Gomes e António Pereira.

O Benfica venceu a prova com 51 pontos, cinquenta de vantagem sobre os «leões». A indicação dispensa comentários.

A tabela da classificação mostra grandes divergências na posição de alguns corredores. É característico, por exemplo, o caso de Afonso Marques, que se encontrou seriamente embaraçado ante as dificuldades do acidentado percurso. Não nos parece aconselhável que, os seus dirigentes insistam muito na participação deste homem em provas semelhantes, arriscando-se pois a estragar-lhe a temporada de pista.

A organização do «Cross» dos Dez não deu motivos a reparos, embora a sinalização fosse insuficiente nalguns pontos e a falta de fiscais permitisse o natural encurtamento de caminho por parte dos corredores.

SALAZAR CARREIRA

QUANDO terminou a corrida clássica dos 100 quilómetros, organizada no domingo pela Associação Ciclista do Sul, como primeira prova do campeonato regional de fundo para independentes, que desta feita atingiu os seus 105 quilómetros bem medidos, (porque os corredores, em vez de seguir para o já conhecido circuito da Ericeira pela Estrada Militar, foram pela subida de Caneças, para evitar certos traços de mau caminho), houve quem dissesse no local da chegada: «Agora é que as provas vão ser animadas. Apareceram os homens de valor que tem estado em descaño»...

É possível, e disso estamos quasi convencidos, que as futuras corridas venham a possuir maior valor espectacular que as últimas disputadas entre nós, porque houvesse surgido não gente nova, que possa dar réplica condigna aos consagrados — caso que se não verificou, mas, apenas, porque entraram na liza estradistas voluntariosos, atrevidos mesmo, que muito bem podem alterar o xadrez habitual das classificações ou, pelo menos, contribuir para que seja difícil prognosticar sobre um vencedor desta ou daquela prova.

Sem que o resultado da corrida de domingo possa servir de exemplo, ao ponto de se afirmar que é provável vir a repetir-se, embora a vitória de Túlio fosse tudo quanto há de mais normal e justa, o certo é que a fogueira desse homem, que reapareceu, agora, e o seu atrevimento, é que deram aos «100 clássicos» grande parcela do seu brilho, que pode cotar-se como tendo ainda o condão de exercer influencia decisiva nas classificações obtidas por muitos concorrentes.

Aquela fuga...

Isolando se a meio da prova, tal como sucedeu em 1937 com Joaquim Fernandes, o «cor-

CICLISMO

Merecida vitória de Túlio Pereira

na corrida clássica dos 100 quilómetros

DIAS SANTOS TRIUNFOU EM AMADORES SENIORS

redor locomotiva», Túlio tirou a João Lourenço a quarta vitória consecutiva; fez com que Jacinto pudesse bater, na embalagem fin-I, Mourão e Inácio, normalmente mais rápidos que ele; provocou o atrazo, ainda longe da meta, de Aristides Martins, que costuma chegar, em peiotão, até perto de Carriche; e obrigou ainda Lopes a ceder, nessa íngreme subida, a ponto de ser o último do grupo em que seguia. E isto tudo, porque forçou toda a gente a vir em sua perseguição e de tal maneira o fez — quanto mais o perseguiu mais ele fugia — que, quando o grupo «caçador» renunciou à luta, renunciou porque já não podia mais...

Dos homens que seguiram atraz de Túlio, só Rebelo, Martins e Lourenço, poderiam, talvez continuar ainda tentando alcançar aquele estradista. Nos restantes, o vento, o calor de trovoadas que se sentia e o esforço, despendido da Ericeira até a quem de Loures, já tinham feito desgastes apreciáveis. Tão apreciáveis que, cedendo esses homens a meio de Carriche, nenhum del.s conseguiu recolar ou sequer recuperar terreno até a meta.

Quando cederam, cederam de vez. Pode, portanto, considerar-se normal — e merecida, até — a vitória de Túlio Pereira, que no domingo ganhou a sua primeira corrida de independentes. Quere dizer: o que ele não pôde fazer em 1942 (depois uma fuga, também audaciosa, foi alcançado perto Loures) fê-lo

no domingo — e, por sinal, com certo brilhantismo.

Houve engodo pela luta

Não foi, apenas, a fuga de Túlio que deu animação à corrida. Outra, fracassada por sinal, talvez pela avaria da máquina de José Ferreira, e em que tomaram parte, além deste corredor, Mourão, Bartolomeu e Jacinto, também movimentou bastante a prova, desde o Algueirão até perto da Ericeira. Se essa tentativa vingasse, seria interessante ver até que ponto Mourão se aguentaria em luta na estrada, acossado por Jacinto, a querer esgueirar-se de longe, e depois, na recta de chegada a «sprintar» ao lado de José Ferreira. E à lembrança deste possível duelo ocorre-nos perguntar: teria sido boa tática mandar afrouxar os fugitivos do Sporting, — um rolador e um «sprinter» — numa altura em que já levavam dois minutos de avanço e iam com superioridade numérica em relação aos adversários que os acompanhavam?

Talvez o bom resultado agora obtido por Túlio leve os chefes das secções a tentar com mais frequência certas ousadias — que por vezes surtem efeitos...

A corrida foi difícil

A prova de domingo foi bastante «dura». Por isso, todos os corredores chegaram mais fatigados do que o normal em competições desta quilometragem. Só José Martins, e isto porque se recusou a ir para o «comando» a partir da Ericeira para não prejudicar o seu companheiro de clube, só esse chegou relativamente fresco, embora o achássemos algo moroso a pedalar. Ou tem treinos demasiadamente longos ou, então, é consequência do abuso de «crenques» compridos de mais quando treina.

De Lourenço voltamos a gostar, sobretudo durante a sua fulgurante perseguição, após o «salto de corrente» que sofreu. Devemos ter homem para os «100 contr»-relógio...

Rebelo igual a si próprio, mas não ainda o Rebelo de 1943. Inácio, pareceu-nos fatigado. Já o temos visto «puxar» mais e não acusar tanto o esforço despendido.

Jacinto está a progredir e Lopes abaixo das suas possibilidades.

Mourão, cedendo na Piteira, recompôs-se de tal forma que, se quisesse, podia ser útil aos seus companheiros. Aristides, Noé, Jorge Pereira e Bartolomeu acusaram a natural falta de contacto com a estrada. Só José Ferreira e J. Serra não nos permitiram ajuizar até que ponto vão as suas possibilidades, pois os percursos da corrida se encarregaram de os pôr cedo demais fora da competição.

Classificações

Independentes: 1.º Túlio Pereira (Sang.), 3 h. 10 m. 15 s.; 2.º Lourenço (Sp.); 3.º Rebelo (Il.); 4.º Martins (Sang.), todos em 3 h. 12 m. 52 s.; 5.º Jacinto (Il.); 6.º Mourão (Sp.); 7.º Inácio (Sp.), os três com 3 h. 13 m. 9 s.; 8.º Lopes (Il.). 3 h. 13 m. 30 s.; 9.º Aristides (Sp.); 10.º Noé (Sang.); 11.º Jorge Pereira (Il.).

Se houvesse classificações de equipas, teríamos: Sangalhos, 15 pontos; Sporting, 15 pontos e Iluminante, 16 pontos. Venceria o Sangalhos, por ter um homem melhor classificado.

Amadores: 1.º Dias Santos (Sp.), 1 h. 41 m. 15 s.; 2.º Paulo Ribeiro (Li-g.); 3.º Aristides Paulo; 4.º Tavares da Silva (Lisg.), todos com o tempo do vencedor.

Chegaram mais 7 corredores, tendo desistido 2.

A prova de amadores disputou-se no percurso Campo Grande-Venda do Pinheiro e volta, no total de 50 quilómetros.

O encontro Lisboa-Pôrto em Handball

(Continuação da pág. 5)

porque não quis, por princípio, utilizar a colaboração dos juizes de linha, o que consideramos grave erro, pois ela é, no pormenor deslocações, indispensável.

Acabou, assim, a primeira parte e, dez minutos depois de recomeçada a partida, Ceia, aproveitou o único deslize de Lacerda (aliás sobejamente resgatado depois) para dar novo alento às esperanças lisboetas. Foi sol de pouca dura, porque, quatro minutos volvidos, um livre de Perdigão igualou, pela terceira vez, os portuenses. E nada mais se passou que valesse registro.

Algumas notas estatísticas, para completar: Defesas dos guarda-rédes portuenses, 8 e 20, em cada parte; defesas dos lisboenses, respectivamente, 5 e 5. Bolas postas em jogo pelos guarda-rédes, em consequência de remates para fora: portuense, 6 e 5; lisboense, 3 e 5.

Os avançados de Lisboa remataram 6 bolas à trave ou aos postes; os do Porto apenas duas.

Distribuição dos remates pelos jogadores de Lisboa: Vicente: 1 ponto, 15 à baliza e 4 para fora; Marreiros: 9 à baliza e 4 para fora; Ceia: 2 pontos, 7 à baliza e 3 para fora; Nascimento, Pereira e Miranda, 1 cada à baliza.

Estes números, mostram a maior insistência de assédio dos atacantes da capital e a divergência de decisão entre eles; para quem viu a partida, torna-se compreensível o retraimento de Armando Pereira, que se sacrificou generosamente na colaboração com a defesa e na árdua tarefa de servir de agente transmissor nas mudanças de sentido do ataque. A acção de Nascimento, porém, ficou tanto abaixo do que lhe é habitual que permite se levante a hipótese de ser um daqueles jogadores que, fora da equipa clubista se anula a si próprios, porque perdem o ritmo eficiente sem a engrenagem costumada.

Crítica deve estender-se, também, ao trabalho dos médios laterais da equipa, que nunca conseguiram desempenhar, de maneira eficaz, a sua tarefa de marcação ao atacante adversário; dos três experimentados, foi Valério o mais regular, sem cumprir em absoluto, mas a acção de Macaia é mais difícil de interpretar, pois

alinhava ao lado do seu médio centro costumado. A disposição dos pés, no xadrez defensivo, deve ser estudada e revista, para que não suceda no domingo próximo, como no pretérito, que os avanços da linha atacante portuense se fizessem, em regra, com a zona central do campo à mercê, porque havia invariavelmente um homem desmarcado para receber a bola e o médio centro de Lisboa a «navegar» por falta de apoio nos flancos.

A extrema defeza satisfaz por completo e o veterano Natividade, aproveitando as vantagens da sua longa experiência e o sentido quasi devinatório da colocação, ganhou os louros da primazia no confronto das exibições individuais dos dois g upos.

A equipa portuense teve presença agradável e não desmereceu das tradições das suas antecessoras: um ótimo guarda-rédes, que salvou o empate na fase derradeira da partida, quando o bombardeamento lisboeta se intensificou; dois defesas decididos e duros, que se estivessem da banda oposta, ou de o árbitro seguiu de mais perto as jogadas, teriam valido algumas grandes penalidades; os médios, em perfeito entendimento com os avançados e estes sempre em jogo, todos cinco, dando aos seus camaradas adversários uma lição de mobilidade, de antecipação e de sentido de desmarcação. Apenas, nos pareceram inferiores na potência e engodo pelo remate.

Para completar as notas críticas falta-nos falar do árbitro. O sr. António Magalhães mostrou conhecimento e bom sentido de interpretação, foi excelente durante a primeira parte; mas decaiu bastante para final, talvez por fadiga que lhe impedia a mesma facilidade de deslocação, para ver, por igual, as jogadas nas duas áreas de remate.

A equipa lisboeta retribuiu no domingo a visita recebida; espinhosa missão a espera, mas não impossível de levar a cabo com satisfação. Se, os portuenses são mais perigosos em sua casa, também, não há dúvida, que os jogadores do sul sabem mais do que mostraram no domingo passado.

Stadium na Capital do Norte



1



3



5



4

O torneio internacional de tiro aos pombos efectuado no «stand» do Clube dos Caçadores do Porto

1 — Dr. Faria Júnior, do C. C. Porto, vencedor da «Taça Cidade do Porto»; 2 — Eng. José Corado, de Évora, com as duas taças do campeonato do Norte; 3 — Os concorrentes espanhóis; 4 — Manuel Ferreira, do C. C. Porto, vencedor da «Taça Barral»; 5 — Alberto Rosado, de Lisboa, vencedor do «Grande Prémio».

Homenagem a um bilharista

6 — Na despedida de Teixeira, o conhecido bilharista do Clube dos Fenianos Portuense, colectividade que representou durante largos anos em competições de bilhar.

(Fotos Hermann)



6



Aspectos dos jogos
ESTORIL PRAIA * LUSO de BEJA
UNIDOS * FARENSE



1



3



ESTORIL PRAIA — LUSO DE BEJA: 1 e 2 — Aspectos do encontro efectuado no Estoril e que o grupo local venceu folgadoamente (fotos Manique)

UNIDOS — FARENSE: Curiosas fases vistas das bancadas... 3 — Excelente defesa do "keeper" algarvio! 4 — Na grande área do Farense, Mendonça intercepta de cabeça um passe destinado a Carneiro; 5 — Luta entre defesa e avançados; um centro de Catarino, feito com energia, será recolhido por Norberto (f. N. de Almeida)



4



5

ENTROU no 26.º ano de publicação o nosso colega «Os Sports», que comemorou o facto com a publicação de um número especial de 24 páginas.

Registámos o acontecimento com o agrado de sempre. «Os Sports» tem um passado brilhante e serve esforçadamente uma causa à qual dedica o melhor da sua expansão e da competência dos seus colaboradores, entre os quais figuram alguns dos mais salientes nomes do jornalismo desportivo.

Aqui lhe deixamos os nossos parabéns, com votos de longa e próspera vida.

Campanha Nacional de Educação Física da «Mocidade Portuguesa»

Continuando a sua série de entrevistas acerca da Campanha Nacional de Educação Física da «Mocidade Portuguesa», STADIUM publicará no próximo número as declarações do sr. Carlos Moreira, ilustre inspector do ensino particular.

A Direcção dos Serviços de Educação Física da «Mocidade Portuguesa» incluiu, no programa da sua Campanha em curso, a realização de sessões cinematográficas gratuitas, reservadas aos filiados e constando da apresentação de filmes desportivos e ginnásticos.

Estas sessões inauguraram-se no sábado, no Jardim Círculo, generosamente cedido pela empreza proprietária, e este primeiro espectáculo alcançou êxito digno de nota; programa esplêndido, entusiasmo da rapaziada e, com certeza, eficientíssima propaganda.

Amanhã, repete-se o mesmo programa no cinema Capitólio e sempre, em idêntico ritmo, sábados e quintas-feiras, e nas mesmas salas continuarão novas exhibições durante mais oito semanas.

Os bilhetes de admisión distribuíram-se a todos os filiados que os queiram requisitar na sede da «Mocidade», no Palácio da Independência. Não nos surpreenderia que se esgotassem.

Acontecimentos da semana

«BASKETBALL».—O Sport Clube Coimbricense ganhou, pela décima vez consecutiva, o campeonato de Coimbra, em horas e categorias de honra, continuando igualmente campeão em reservas. Na última «ronda», venceu o Olivais, respectivamente, por 33-31 (c. h.) e 22-11 (res.). —Principio a disputar-se o campeonato de Évora, que tem a comparticipação de três concorrentes!

Na final do campeonato inter-zonas da «Mocidade Portuguesa», região escalatinha, a equipa de Santarém venceu a de Tomar 52-25.

CICLISMO.—Na segunda jornada dos campeonatos regionais do Porto voltou a verificar-se o vitorioso saqueirista Império dos Santos, com o tempo de 2 h 54 m. 50 s. (média de 37,75 quilómetros, contra-relogio, do trajecto do Porto a Espinho e volta. Este corredor bateu, assim, o «récord» nortenho da distancia. Em amadores seniores, o vencedor voltou também a ser António Carlos, do Rio Leça, com 3 h. 25 m. 5 s. Outros vencedores: Joaquim Neto, do F. C. P., em amadores júniores, com 2 h. 3. m. 50 s. para os 75 quilómetros da Porto à Póvoa de Varzim e volta; Manuel Silva, do Matosinhos, em iniciados, 1 h. 20 s. para os 30 quilómetros do Porto a Moreira da Maia.

FUTEBOL.—Em S. Vicente, effectou-se uma festa promovida pelo Desportivo de Arroios. A equipa do clube organizador ganhou ao Paredo, por 2-1, conquistando a taça «Jorge Vieira»; e no jogo das reservas do Benfica e do Sporting, a primeira venceu por 6-3, sendo-lhe adjudicada a taça «Vasco Santana».

O Palmeiras ganhou o campeonato de reservas da III Divisão, batendo o Caraveas, por sete golos sem resposta. O desafio, para o apuramento do campeão, disputou-se no Lumiar A, seguir ao X Lisboa-Porto em «handball».

A selecção de Évora aproveitou a sua vinda a Lisboa para jogar nas Caldas da Rainha e em Setúbal; na primeira daquelas cidades, os eborenses derrotaram um misto Juventude Caldas; ganharam por 3-1, e em Setúbal jogaram com o Vitória, perdendo por 1-3.

«HOCKEY» EM CAMPO.—A taça «Agostinho de Amorim», disputada num torneio-relâmpago promovido pelo Benfica, foi ganha pela equipa daquele clube. Nas eliminatórias, o Benfica venceu o Hockey C. P., por 1-0, e o Atlético empatou com o Futebol Benfica, por 0-0, mas foi apurado por menor número de faltas executadas pelo seu «keeper». A meia final, entre Belenenses, isento, e Atlético, deu o apuramento do primeiro, que apesar do empate de 0-0 beneficiou de maior número de «corner». No encontro decisivo, o Benfica derrotou o Belenenses por 1-0. A notar que somente os encarnados macaram «goals», por intermédio de Hilário e de Pedro Silva.

TÊNIS DE MESA.—O «Trió» do Lusitano, de Évora, campeão alejantejo, derrotou, nas Caldas da Rainha, um misto cadense, perdendo o «match» por 0-5.

TIRO AO ALVO.—Na carreira «Carlos Augusto Coelho», do Casa Pia A. C., começou a terceira disputa da prova «Manuel Castelo Branco», organizada por aquele clube com o patrocínio do nosso prezado colega «O Século».

TIRO A CHUMBO.—Orlando Carvalho, Carvalho Monteiro e Mário Ferreira ganharam as provas effectuadas no «stand» do Lumiar, nas quais também conquistaram lugares de honra Joaquim Belchior (3), Armando Pereira, Santos Silva, João de Matos Romão Cassela Junior.

Por causa de certo empate em jogo de xadrezistas (a «coisa», tá deu nas vistas!) vejam lá o disparate dos homens do... chéque-mate! Dá-nos vontade de rir... Para o prêmio repartir houve logo quem pensasse que a taça... se serrasse!!! E vá de a dividir...

Quem havia de cuidar que o alvitre aproveitava... A «coisa» a ninguém lembrava! Muito temos p'ra contar se esta moda pegar nas camadas desportistas... Estes senhores xadrezistas de que haviam de lembrar-se! Qualquer dia, vai cortar-se tudo... quanto dê nas vistas!!!

Lá serrar a taça ao meio inda é coisa de somenos... Ficam pedaços pequenos e nem sequer há recio de que venha, de perneio, qualquer bocado maior... Mas o que eu acho pior é se a cideiã pégal!!! Sossega! Leitor, sossega, porque é este o mal menor...

Se amanhã ouvires dizer que só dão meia-medalha (ou então coisa que o valha!) ao campeão que vencer, nem sequer queiras saber o tremendo reboliço que ao Mundo causará isso... Mas não penses mais em tal! «Isto»... só em Portugal... E' p'ra voltar o... «tautiço»!!!

ZÉCAS TLÃO

DESPORTOS DO «STICK»

VAI começar, finalmente, no próximo domingo o campeonato lisboense de «hockey» em campo, já não era sem tempo — pois a modalidade estava praticamente parada, por falta de competições oficiais e mesmo de quem as orientasse, desde Setembro do ano findo, quer dizer desde o encerramento da última época... Mas agora, que a Associação de Lisboa tem os seus dirigentes, o torneio vai ser um facto. Fez-se já o sorteio e elaborou-se o calendário, com a ordem de jogos seguinte: 1.º dia: Hockey-F. Benfica e Belenenses-Atlético; 2.º dia: F. Benfica-Belenenses e Atlético-Benfica; 3.º dia: Benfica-F. Benfica e Belenenses-Hockey; 4.º dia: F. Benfica-Atlético e Hockey-Benfica; 5.º e último dia: Atlético-Hockey e Benfica-Belenenses.

—Aproveitando o último domingo, o Benfica promoveu, no seu campo, uma festa de homenagem a Agostinho de Amorim, elemento dedicadíssimo da sua secção de «hockey» e antigo director da Associação de Lisboa, onde deu as melhores provas de dedicação e interesse pelo desporto do «stick». O festival consistiu de um torneio-relâmpago, em que todos os clubes praticantes entraram, numa atitude de leal cooperação e demonstrativa das amizades de que Agostinho Amorim desfruta no meio. A homenagem — a todos os títulos merecida — associa-se «Stadium», pelas qualidades de quem tanto tem produzido na propaganda do «hockey», sem nunca ter havido a mais pequena compensação do esforço, a não ser a festa de agora, tardia, é certo, mas plenamente justificada.

—Inauguraram-se no sábado as novas instalações (melhoramentos — para dizer melhor do «rink» Lisboa-Imperio, à rua de Pascoal de Melo, uma iniciativa feliz de Alfredo de Sousa, antigo campeão ciclista. O recinto, construído sobre mármore, apresenta agora aspecto mais agradável — pelo conforto que proporciona aos patinadores, permitindo-lhes rolagens mais suaves e com pouco «desgaste» de material. Acrescenta-se que foi coberto integralmente e dar-se-á assim ideia exacta dos melhoramentos por que passou o «rink» Lisboa-Imperio. —Estão estabelecidas as bases preliminares para a criação das associações distritais de patinagem, em Lisboa e no Porto. Da reunião do congresso extraordinário da federação nacional — cuja acção futura será mais restrita — saíram os elementos necessários à organização dos centros associativos, com preponderância e autonomia na disputa das competições oficiais dos seus respectivos núcleos; quer dizer, somente os campeonatos nacionais — de «hockey» e de corridas — passam a estar sob a alçada federativa, consoante determinam as novas leis do desporto português — e, vistas assim as coisas, tal como sucedem noutras modalidades, a patinagem vai ter, em consequência, mais possibilidades de expansão do que até aqui, sujeitas todas as organizações ao «selo» da Federação. A nova Associação de Lisboa — cuja actividade deve começar talvez nos princípios de Maio — está reservado importante papel. Que venha em bem, são os votos que sinceramente formulamos.

O encontro terminou com honra para ambas as partes — será a versão corrente. Quanto a nós, houve uma equipa vencedora — a da capital! O Porto não teve a sorte pelo seu lado. Se assim fôsse, a vitória ter-lhe-ia pertencido — e com merecimento, diga-se com verdade.

O declínio dos melhores «azes» lisboetas é evidente. A forma incerta de Carlos Pires e Peter Braumann, há que juntar o afastamento e consequente destreio do dr. Mário M. chado, João de Moura, Masóni da Costa, Correia Neves, Nandim de Carvalho, etc. Neste momento excepcional, em que o xadrez desportivo se vê elevado a bom nível de desenvolvimento, seria de desejar o concurso de todos, aquêles, que maior competência demonstraram já nos domínios da técnica do jogo, a fim-de que a «qualidade» se desenvolvesse na proporção da «quantidade».

Contrariamente, no Porto, o xadrez progride sob todos os aspectos, tanto na propagação da modalidade como no que respeita à cultura do jogo — conjunto básico do verdadeiro progresso.

Registou-se desta vez um empate; a bela taça instituída foi serrada e dividida, para assim premiar, com igualdade, o esforço de ambas as equipas.

Acontecerá o mesmo na próxima vez? Os critérios divergem, mas um facto nos parece certo: o xadrez lisboeta está em cheque!

Eis um problema que, na melhor das hipóteses, vem dar nova expressão à tradicional rivalidade Norte-Sul, agora também manifestada no Desporto Intelectual...

No declinar do Nacional da II Divisão

Vitórias folgadas do Estoril e Vila Real que se classificaram para o jogo decisivo

FALTA, apenas, uma jornada para conclusão da mais concorrida prova do futebol nacional. Domingo a domingo têm-se desenvolvendo as apressões quanto ao possível vencedor do torneio. Neste momento, sabe-se que o título só poderá vir a pertencer ao Estoril ou ao S. C. Vila Real — uma equipa já habituada a estas andanças e outra cuja carreira foi, esta época, surpreendente.

Num aspecto, porém, as duas equipas vão para a final em condições idênticas. É que ambas venceram nitidamente os seus encontros de domingo, na importante «ron» das meias finais.

O Estoril derrotou o Lusitano de Beja, por 6-0; o Vila Real bateu o União de Coimbra, p. 5-0. Como se vê, estes resultados são concludentes quanto à superioridade evidenciada pelos vencedores, que tiveram, ainda, pelo seu lado, a vantagem de jogarem em casa.

Os estorilenses, logo que decorreram as primeiras jogadas, revelaram a sua melhor classe, em co fronto com a do adversário, que foi, apenas, entusiástico. O caminho da vitória tardou a encontrar, mas depois, não foi difícil chegar à meia-dúzia. Os b-jenses revelaram fraca homogeneidade e, como era de prever, acusaram a falta de contacto com equipas de maior valor.

Todavia, a sua permanência na prova é de molde ser salientada. Outros grupos, em cujas possibilidades melhor se podia acreditar, não conseguiram chegar tão perto do fim.

Os vilarealenses — êsses, vão lançados. Dir-se-ia que a equipa ganhou embalagem com três ou quatro resultados convincentes. O moral do «team» deve ser excelente e isso é um factor a considerar. A final da prova deve, por isso, provocar especial interesse.

Os coimbricenses sucumbiram, como se esperava. E, como uma semana antes, foi a deficiência dos distritais, no capítulo remate, que ditou tão desvelado «score».

Com vista ao «puram-nto» dos concorrentes à taça de Portugal, a Associação de Lisboa pode continuar a contar com o mais representativo. O Unidos derrotou e venceu o Sporting Farense.

A luta foi difícil e o próprio resultado — 3-2 — diz bem que assim aconteceu.

As honras da tarde devem ir para os visitantes, já pela desvantagem da deslocação, já pelo ardor com que buscaram anular o avanço que o adversário alcançou na marcação dos fentos.

E o certo é que os farense fizeram a impressão desagradável de derrotar em frente do Lu o. Pode dizer-se que se reabilitaram.

O outro desafio teve como protagonistas o Famalicão e o Sanjoanense. Decididamente, os minhotas estão a ganhar person lidade. A sua vitória sobre o grupo da A. F. Aveiro foi nitida — mais nitida do que se poderia esperar se o declínio dos sanjoanenses não viesse a accentuar-se de jornada para jornada. Talvez que com este grupo aconteça precisamente o contrário do que está a suceder aos transmontanos: quebra de confiança.

ZÉ DO PEÃO

Stadium para Capital do Noite

VIEIRA DA COSTA fala à «Stadium» sobre árbitros e arbitragens

A classe de um árbitro não é feita pelos comentários das gazetas, muito embora o melhor ou o menor juiz que se faça, em redor do nome de qualquer juiz de campo, possa ter influência em quem dirige... Não são os elogios da crítica que dão ao árbitro aquele poder técnico e valor de conhecimentos indispensáveis para marcar uma categoria definida, mas as provas prestadas na direcção de encontros de maior responsabilidade.

Vieira da Costa, o conhecido árbitro português deve, talvez, o juiz que menos tem falado de si. É uma orientação simpática e que define o carácter de um desportista.

Mesmo agora, na curta entrevista que nos concedeu, Vieira da Costa dirigiu as suas afirmações mais para o aspecto geral do desporto do que para o seu caso. Esta troca de impressões revestiu-se, assim, de aspecto mais técnico, porque se resumiu em indicações curiosas sobre o aspecto do futebol, agora que a época vai a caminho do encerramento.

Conversou-se, primeiro, sobre a sua arbitragem no último Sporting-Benfica, que mereceu boas referências gerais, em especial pela maneira acertada como Vieira da Costa dirigiu o encontro, demonstrando conhecimentos seguros das leis—base indispensável para uma boa arbitragem. Explicou a sua maneira de agir, procurando, no entanto, fazê-lo mais sob o aspecto geral do que como um caso da sua carreira de árbitro.

Quisemos saber como via o futebol português no momento actual e respondeu-nos: —Um sistema de marcação estreita, isto é, o chamado «jogo de passes», que põe um jogador de guarda a outro, tirou ao futebol grande parte da sua beleza como desporto de emoção, travando o andamento do jogo. Não sei, mesmo, se há grande técnica nesta forma de tática... Mas, seja como for, o certo é que o nível do futebol desceu sensivelmente, talvez por esse motivo. Nunca mais voltaremos a presenciar encontros daqueles que criavam cabelos brancos aos admiradores de um ou outro clube... A emoção e a incerteza neste sistema de marcação deixaram de existir...

Fala-se, depois, do aspecto geral das arbitragens. Perguntámos a Vieira da Costa a sua opinião sobre o sistema chamado «em diagonal». Responde-nos abertamente: —Em tempos, não concordei com esse processo — e tinha razões para isso. Hoje, porém, modifiquei um pouco o meu pensamento, e concordo com o sistema mas, só, quando os juizes de linha são elementos de escrupuloso carácter, conscientes da sua missão e perfeitamente identificadas com tal sistema. Esta forma de arbitrar tem, contudo, os seus inconvenientes... Um deles é o que ressalta do pouco aprehecimento técnico daqueles juizes

de linha—e principalmente se se deixam influenciar pelo ambiente, em prejuizo da mais escrupulosa imparcialidade. Basta o desiste de qualquer auxílio para que a tarefa do árbitro seja maculada por erros, dos quais muitas vezes, não é culpado, embora seja o juiz de campo quem sofre com os protestos do publico...

Não há dúvida que é melindroso o sistema «diagonal». A opinião de Vieira da Costa, posta com clareza e conhecimento de causa, é absolutamente de aceitar. Mas prosseguimos: —

Sob o ponto de vista técnico, as arbitragens são agora mais perfeitas, mais integradas dentro do espirito das leis do futebol?

—Sim! A orientação, determinada pela Direcção Geral dos Desportos, para a criação de palestras didáticas, exerceu influência muito salutar no problema das arbitragens. Um árbitro não pode clingir-se estritamente à teoria que assimila nas aulas cursadas ou, sequer, à prática adquirida no terreno, que pode levar, pela errada interpretação das regras, a formas de punir ou observar as faltas que não estejam em rigorosa harmonia com a rigidez das leis.

Compreende-se por mais que se leia e se medite o texto de determinada regra, há sempre casos novos, que surgem a cada passo e obrigam a acurado estudo, para que o julgamento seja sempre feito com equilíbrio e verdade. Assim, desde que qualquer daqueles casos seja apresentado numa reunião de árbitros, que se efectuem uniformemente todas as semanas, é discutido e apreciado por todos — com natural proveito para todos...

Qual o processo adoptado para essas reuniões? —Um árbitro recebe a incumbência de apresentar determinado aspecto da lei à apreciação dos seus colegas. Expõe, comenta, argumenta e diz das suas razões. Depois, da sua discussão sobre a sua forma pessoal de ver, há a apreciação da comissão distrital — e assim se estabelece boa doutrina.

—E se o acórdão geral se não verifica? — Já tem acontecido... Quando isso sucede, então o assunto baixa à comissão central, que estabelece o critério a seguir. Como é natural, tudo isto concorre para o aperfeiçoamento do árbitro — que, se é acondu a estas reuniões e segue os trabalhos com atenção, tem sempre recursos para resolver os casos mais dispare que lhe surjam no decorrer de uma arbitragem, pois, quasi sempre, já ouviu estabelecer a desejada solução.

Suponha que um árbitro não é assíduo frequentador dessas reuniões... — Tem de e ser... Logo que registre determinado número de faltas, sem justificação, é demitido. Não podia ser de outra forma...

Parece-lhe que essa orientação de trabalho poderá proporcionar, dentro de algum tempo, elevado grau de preparação aos árbitros?

— Absolutamente. Não foi outra a intenção do organismo máximo do desporto.

Não lhe parece, por outro lado, que a crítica às arbitragens seria trabalho mais curioso?

— É possível... mas tinha o inconveniente de ferir susceptibilidades. Por isso, se procede como acabei de lhe explicar.

Desejamos depois saber a opinião de Vieira da Costa sobre se um árbitro deve apitar com frequência, assinalando mesmo certas faltas que, em menor rigor, são possíveis de passar em claro... Responde-nos sem hesitar: —

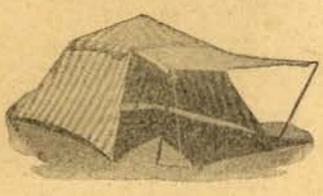
O uso imoderado do apito tira muita beleza ao jogo. O árbitro deve interromper o jogo somente quando está seguro de que a infracção à lei foi propositada, até para evitar o que muitas vezes acontece: beneficiar o infractor... Veja por exemplo, este caso tão frequente: um jogador mete mão à bola para cortar o ataque do adversário. Quasi todos os árbitros apitam a assinalar a falta — mas, muitas vezes, a bola fica nos pés do adversário, portanto em condições de prosseguir. Eis um dos casos em que o apito não deve ouvir-se... Mas há muitos outros!

E prossegue: — Além dos conhecimentos profundos das regras e da imparcialidade e critério uniforme, qualquer árbitro deve possuir uma qualidade essencial: serenidade! Quando, num encontro de responsabilidade, o juiz prova aos jogadores que está senhor dos nervos, com a calma precisa para discernir as faltas, sem se deixar influenciar pelo ambiente — a arbitragem decorre bem, com autoridade no campo e fora dele. Esta adaptação custa bastante a adquirir, só o tempo dá o necessário treino — aquilo a que o publico chama, singelamente, «calo»...

Vieira da Costa cala-se. E nós evocámos mentalmente as suas arbitragens em Vigo e a oportunidade que perdeu de ir, também a Espanha, dirigir um encontro internacional, por motivos que não vêm para o caso. Despedimo-nos. Que julguem agora os leitores das suas judiciosas considerações...

MÁRIO ANFONSO

Sombrieros
Barracas PARA PRAIA
Tendas E MATERIAL DE ACAMPAMENTO
Consulte sempre a SOC. INDUSTRIAL DE TOLDOS E ENCERADOS
R. Vale S.^{to} António, 59
TELEF. 2 5357 LISBOA

Toldos de sistemas aperfeiçoados

CAPRICHOS DE UM SORTEIO

Será profecia descabida? Não será? Infelizmente! cremos que vamos acertar... Um sorteio caprichoso, daqueles que parecem «feitos de encomenda», vai naturalmente eliminar, sem remissão, os clubes portugueses da «Taça de Portugal», logo às primeiras impressões.

De facto, um Porto-Sporting e um Salgueiros-Académica, assim à cabeça do rol, e caso para trazer aborrecimentos aos nossos admiradores da bola, pois bem cêdo ficam privados do seu desporto favorito, tanto mais que, desta vez, o defeito principia mais cedo, com a alta finalidade de deixar aos praticantes do futebol tempo para poderem cultivar o atletismo ou outros desportos de verão.

Seja como for, no entanto, a verdade é que a região portuguesa deve ficar excluída do torneio nas primeiras jogadas, continuando na competição o Vitória de Guimarães, a quem a sorte deu como adversário um grupo mais «maleável».

Já é Intelicidade! O percalço do Sporting é menos delicado que o do F. C. P., porquanto a vantagem daquele é maior. Basta que saiba cuidar e acatular bem a primeira mão, para encurar com mais confiança o jogo no seu campo, junto da sua gente.

Quanto ao Salgueiros, este tem certa vantagem, pois joga primeiro em casa e depois vai fazer a segunda mão em campo neutro, visto que a Académica tem o seu interdito. Mas, mesmo assim, e a cotar-se o Salgueiros pelos jogos feitos no Campeonato Nacional, é de admitir-se a sua eliminação — que não é coisa para admirar n'nguem...

Prematuramente, pois, e a verificarem-se os nossos prognósticos, a cidade do Porto ficará excluída da continuação do torneio, pelos azares da sorte... e caprichos do sorteio...

F. PINTO COELHO (HERDEIROS), L.^{DA}
Bicicletas e Acessórios
10 RUA BARROS QUEIROZ, 12
L I S B O A

ANO XII — Lisboa, 12 de Abril de 1944 — II SÉRIE-N.º 71

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.
Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA
Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMANA A SEMANA

Dr. Mário Duarte

Já deve estar de regresso ao seu posto de consul de Portugal em Berlim o nosso amigo Dr. Mário Duarte, que esteve nesta cidade em gozo de licença.

O prestigioso desportista esteve sempre a ser entrevistado sobre assuntos referentes ao desporto de alem-fronteiras, muito embora fosse assediado pelos jornalistas. Entretanto, em conversa amena entre amigos, contou factos interessantíssimos sobre o desporto internacional.

Desejamos-lhe as maiores felicidades.

A acção do Sport Clube do Porto

Dinamicamente, a colectividade da flamula azul continua a procurar bem servir a causa desportiva. Depois da instalação do ginásio «Armando Tschopp» e das sessões de ginástica para os seus associados — não esquecendo a sua secção feminina — iniciou agora, em colaboração com o emissor «Orsec», a radiodifusão de palestras sobre educação física, que estão despertando o maior interesse. Para esta propaganda conta o Sport com a colaboração de distintos clínicos e de outros elementos de reconhecido mérito.

E, já agora, uma referência: «Orsec», em tempos idos, serviu brilhantemente o desporto com a organização do programa intitulado «Dez minutos de propaganda desportiva», que esteve confiado ao falecido desportista, tenente Manuel dos Santos e ao autor destas linhas. Durante muito tempo fez-se larga difusão dos princípios desportivos, tendo passado pelo seu microfone figuras de grande relevo no nos-o meio.

O Sport Clube do Porto merece fervorosos cumprimentos por esta iniciativa. A qual deservimos o melhor êxito.

Vamos ter «boxe»?

Segundo as nossas informações, parece que deve efectuar-se dentro de breves dias uma importante sessão pugilística nesta cidade no campo do Fluvial.

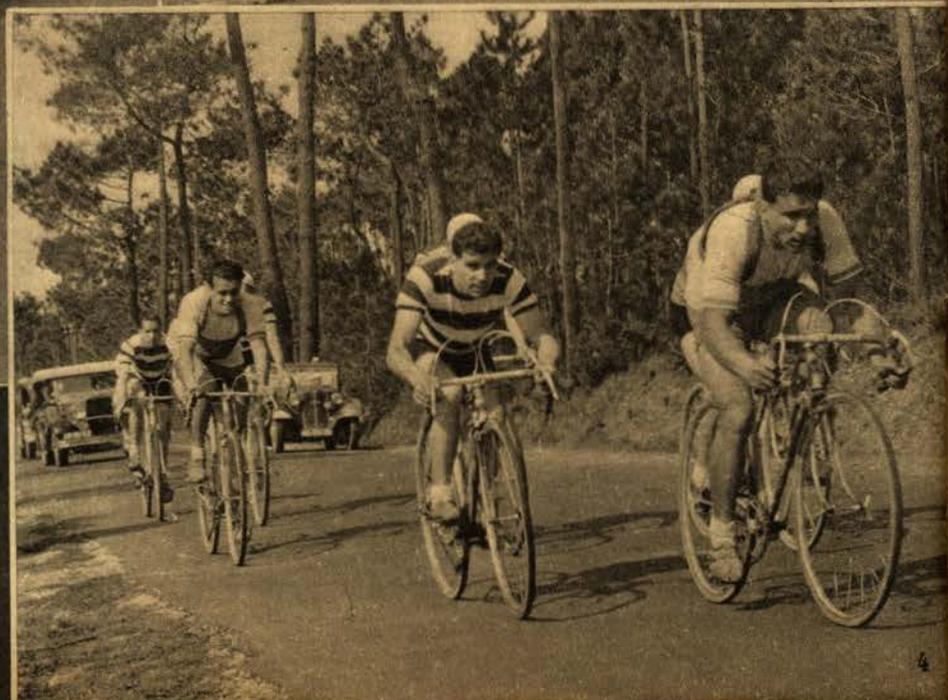
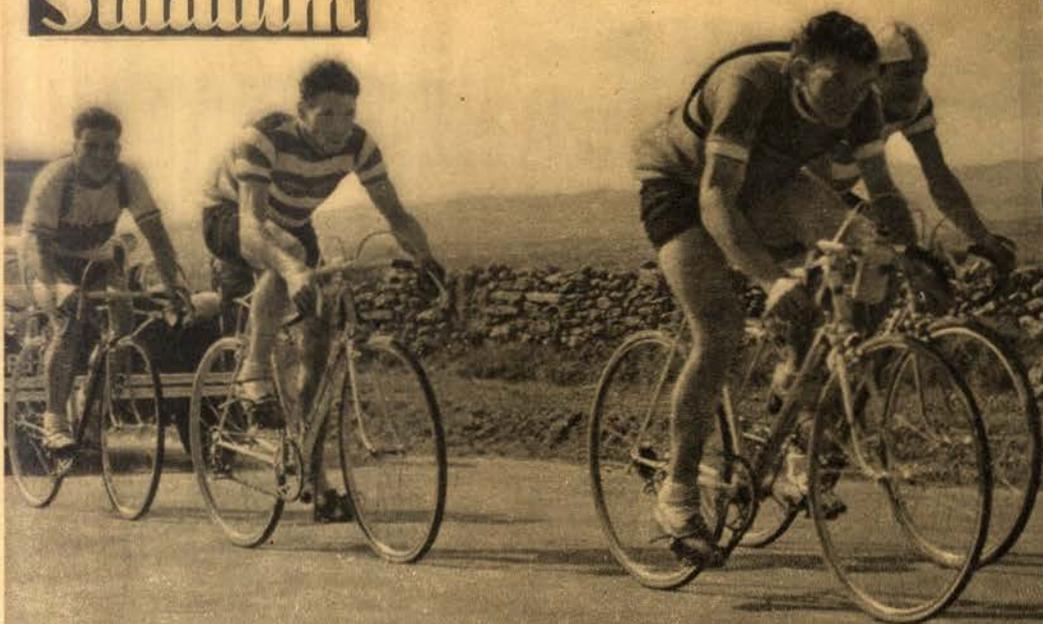
Anuncia-se a reserpação do conhecido «Leão da Se», apodo posto a Manuel Gualdino, que regressou dos Açores, e de Manuel Cândido Lício Passos, campeão nacional dos meios-leves, deve defrontar um «boxeur» espanhol, assim como Carlos Leitão.

Esta notícia conseguiu despertar largo interesse. Oxalá que se verifique que uma organização escrupulosa, afim de não haver desgostos para ninguém.

O «boxe» já fez largar arreira no Porto, mas desceu do seu apogeu porque os organizadores não punham na confecção dos programas o cuidado necessário para não desagradar ao publico — que já sabe escolher e não aceita iguarias requerçadas...



«FLECHA»
A BICICLETA DOS CAMPEÕES
Salão de Exp. e Vendas:
L. do Intendente — LISBOA



NOS 100 QUILÓMETROS

1—Os homens que fugiram na descida para a Granja: J. Ferreira, Mourão, Bartolomeu e Jacinto; 2—A saída de Mafra, Rebelo abre a marcha, em perseguição de Túlio; 3—Momentos antes, Inácio ocupava a cabeça deste pelotão; 4—Na subida da Ericieira para Mafra. Este pelotão viu fugir Túlio mas parece não acreditar na vitória do homem de Sangalhos... (fotos Nunes de Almeida)